

Francisco Manuel Valente de Carvalho

INSANIS

Dissertação/Trabalho de Projeto
Mestrado em Realização – Cinema e Televisão

JULHO, 2020

Francisco Manuel Valente de Carvalho

INSANIS

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em (designação da área científica do mestrado) realizado sob a orientação científica de Nelson Araújo.



[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta(e) Dissertação / Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Porto, de de

RESUMO

INSANIS

Francisco Manuel Valente de Carvalho

PALAVRAS-CHAVE: loucura, doença mental, sociedade

RESUMO

Um projeto de mestrado direcionado para a área da realização cinematográfica e televisiva, que tem como principal objetivo dar a conhecer todo um trabalho desenvolvido durante um ano inteiro em volta do tema da doença mental e de todos os mecanismos de defesa criados pela sociedade, através do formato de curta-metragem. Ao longo do presente relatório de trabalho, apresento e pormenorizo o conteúdo de um argumento cinematográfico desenvolvido em prol do tema, bem como, todo o processo criativo por detrás, desde os primórdios da pré-produção, passando pelo período de gravações, até à pós-produção. Na memória do projeto, também apresento as principais intenções do filme, de forma a elucidar todas as questões que possam ser levantadas.

OBJECTIVO DA DISSERTAÇÃO/TRABALHO DE PROJETO

1. Criticar todo um processo de afastamento de pessoas com doenças mentais por parte da sociedade em geral e procurar alternativas de forma a erradicar por completo essa diferenciação social;
2. Abordar o tema do *bullying* entre os jovens nas escolas, especificamente contra os jovens doentes mentais, para que medo destes jovens acabe de vez;
3. Trazer à discussão o debate acerca das doenças mentais e do apoio familiar que atualmente é dado às mesmas, de modo a chamar à atenção da sociedade em geral que existem situações in comportáveis para várias famílias, que necessitam de uma ajuda mais profunda;
4. Mostrar aos jovens doentes mentais que podem procurar ajuda ao invés de se refugiarem em si mesmos, nomeadamente com alguma informação sobre este tipo de ajuda psicológica;
5. Trazer à discussão o alcoolismo e os problemas que traz à pessoa e aos seus entes queridos. Muitas vezes a pessoa em questão refugia-se no álcool, de certa forma, para fugir à preocupação da doença mental do ente querido;
6. Colocar o espectador dentro do tema da doença mental e da realidade que muitos vivem, pois muitas das pessoas nos dias de hoje não conhecem a realidade de quem tem uma doença mental ou de quem tem entes queridos com uma doença mental;
7. Consciencializar as pessoas a tratar os doentes mentais de forma correta e digna, pois não é devido a uma doença que alguém é melhor ou pior do que alguém que não a tem;
8. Utilizar uma linguagem visual que remeta a simbolismos relacionados com o tema em questão, simbolismos esses trabalhados através de certos elementos palpáveis que aparecem na curta-metragem;

ÍNDICE

Introdução	7
A Loucura e os mecanismos de defesa da sociedade em relação aos doentes	8
Loucura na Arte	12
Inspirações cinematáticas	14
1. Fight Club	14
2. The Diary of a Teenage girl	16
3. Para-me de repente o Pensamento.....	17
4. One flew over cuckoo`s nest.....	18
5. Roma	20
6. Into the Wild	21
7. Jaime	22
8. Recordações da Casa Amarela	23
9. Almost Famous.....	24
Inspirações para além do cinema	26
Pré-produção.....	32
Gravações	35
Gravações – Dia 10 de Julho.....	36
Gravações – Dia 12 de Julho.....	40
Gravações – Dia 13 de Julho.....	43
Pós-produção.....	46
Teoria dos Planos cinematográficos.....	49
Conclusão	51
Bibliografia	53
Anexo A)	54
Anexo B)	61

Introdução

No presente trabalho foi proposto elaborar uma curta-metragem e, ao mesmo tempo, aprofundar cientificamente o tema abordado na mesma.

Por que é que existem tamanhos mecanismos de defesa por parte da sociedade em relação às pessoas doentes mentais? Qual é a razão para tal problema? A verdade é que, em toda a nossa história, essa tem sido a realidade de muitas pessoas, umas épocas de forma mais intensa que outras.

De início, comprometi-me a debruçar-me sobre este tema, pois sempre senti que as pessoas em geral tinham bastante pouca informação sobre de facto o que é uma doença mental e as suas características, e sempre me questioneei por que razão havia tanta falta de informação.

Ao longo a minha pesquisa, fui lendo vários autores interessados nesta matéria e fui também abrindo os meus horizontes a novas ideologias e a novas formas de olhar para a doença mental. Acompanhei a história desde os primórdios de todo este estereotipo em volta da doença mental até aos dias de hoje e li inúmeras opiniões de variadas personalidades. Formei uma opinião concreta sobre o tema, e cometei-a com a visão desses mesmos autores, comparando as duas ao longo do documento.

Tentei transpor para o filme tudo o que defendia no documento escrito, sendo que no filme mostrei apenas uma pequena situação que acontece todos os dias a jovens doentes mentais. Apesar de se basear apenas numa situação, é um filme que tem como intuito criticar toda uma ideologia aceiteada por muitos e que tem como principal base a diferenciação e a separação de pequenos grupos na sociedade em que vivemos.

Ao longo do presente relatório, são apresentadas também várias formas de deter toda esta onda do mau olhar perante um doente mental, seja por pena ou por ódio aos mesmos, que se mantém desde os primórdios da nossa civilização. Essas formas vão desde o aumento de informação nas escolas e nos meios de comunicação até ao apelar à união das pessoas.

A Loucura e os mecanismos de defesa da sociedade em relação aos doentes

"A Loucura não é um fenómeno fundamentalmente oposto ao da chamada racionalidade ou normalidade. A Loucura é interior à razão."
João Frayze-Pereira

O filme "Joana" conta a história de uma rapariga com os seus 17 anos, que sofre de uma doença mental. Ao longo do enredo, a personagem principal vai sentindo uma certa dificuldade em criar ligações com outras pessoas. O ponto de discussão neste filme deve, realmente, partir dos mecanismos de defesa que a sociedade atual arquiteta, para lidar com pessoas que fogem do padrão comum, focando mais no tema da doença mental em si. Porque é que existe este mecanismo de defesa? Porque é que, em alguns dos casos, as pessoas são afastadas da nossa comunidade?

Ao longo da nossa história, a doença mental sempre foi bastante discutida, mas apenas recentemente começou a ser tratada como uma doença. Na Grécia Antiga, a dita loucura tinha uma personalidade mitológica que se encontrava no dia-a-dia. Era um período onde a noção de passado era vaga e os deuses tinham o poder de decisão em relação a tudo. O louco era uma ponte da pessoa mortal para o outro mundo.

Na Idade média, as alusões à loucura vêm dos textos de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, considerados como uns dos maiores pensadores religiosos da Idade Média. Para Santo Agostinho, o que distinguia o homem de um animal era o dom da razão. Se o homem perdesse a razão, era imediatamente reduzido a um animal, a punição divina para a alma pecadora. Visto que a psiquiatria ainda não existia na altura, a loucura não era um problema psiquiátrico. A mente era um conceito filosófico, moral, e nessa época, a moral provinha de Deus.

Com a vinda do Renascimento, a noção de louco não mudou consideravelmente, sendo que uma vez irracional, o louco era visto como um animal. Michel Foucault descreve no livro "A História da Loucura na Idade Clássica" como seria um manicómio francês, onde ele cita que "As loucas acometidas por um

acesso de raiva são acorrentadas como cães à porta das suas celas e separadas das guardas e dos visitantes, por um corredor protegido por uma grade de ferro.”¹

Com a revolução francesa veio a revolução psiquiátrica, e, em 1793, o médico francês Philippe Pinel transformou a loucura numa questão médica, deixando de ser, então, uma questão de ordem social. Pela primeira vez na história, a ciência viu a loucura como uma doença que deve ser curada.

Como podemos ver, a sociedade comum foi arranjando, ao longo de toda a nossa história, mecanismos para afastar os ditos loucos da rotina diária da maioria das pessoas, e todo este engenho continua até aos dias de hoje. Apesar de a tecnologia e a medicina estarem a avançar a cada dia que passa, a verdade é que a nossa mentalidade continua a ser a mesma: os doentes mentais são diferentes de nós e têm de estar afastados da sociedade.

Segundo Alcides Monteiro², os mecanismos relativos à integração nas sociedades atuais têm como base quatro grandes dispositivos, nomeadamente: o Trabalho, o Estado, a Família e a Comunidade. Da fusão destes quatro dispositivos resultam os laços sociais, que sustentam a vida de cada pessoa na sociedade em que está inserida. Os laços sociais são um conjunto de relações e interações, que permite ao ser humano ter uma vida em conjunto com outros seres, para além das forças de dissociação e desagregação.

Dentro da psicologia da doença mental, foram fixadas coordenadas para identificar as formas como a doença aparece, mas não conseguiram demonstrar as condições do seu surgimento. Para Foucault, “seria erróneo crer que a evolução orgânica, a história psicológica ou a situação do ser humano no mundo podem revelar tais condições.”³

Todo este olhar de afastamento e diferenciação, por parte da sociedade ocidental, em relação às doenças mentais, tem muito a ver com a cultura que é vivida e praticada em cada lugar. Em Portugal e noutras regiões do continente europeu, por exemplo, há um pouco a ideia de que a diferença é algo mau, e fazendo a ligação à própria doença mental, há realmente a sensação de que podíamos fazer mais para apelar à integração de todos em vez de continuar a haver este afastamento constante.

¹ “História da Cultura da Idade Clássica” de Michel Foucault p.167

² Alcides A. Monteiro, Professor Associado com Agregação na Universidade da Beira Interior

³ “Doença mental e psicologia” de Michel Foucault p.73

Noutras regiões com culturas diferentes à que vivemos em Portugal e, de uma forma geral, nas sociedades ditas desenvolvidas, a doença mental não é vista como uma doença, mas sim como algo apreciado na cultura em si. Um exemplo bastante significativo reside na sociedade Zulu, um povo que habita na África do sul. Apesar de, hoje em dia, a tribo ter a expansão e o poder político restritos, no passado chegaram a ser uma tribo de bosquímanos rebeldes que atacou ferozmente os colonos britânicos, bóeres e portugueses, durante as épocas coloniais.

Segundo Henry Callaway, o Xamã dos Zulus "é de aparência robusta, mas torna-se, com o tempo, mais franzino...; imagina toda a espécie de coisas e o seu corpo está enlameado... Um homem prestes a tornar-se adivinho é uma grande causa de perturbação"⁴.

Ao analisarmos este cenário e comparando-o com a realidade que se vive na sociedade ocidental, consigo constatar que realmente são dois extremos no que toca à doença mental. Por um lado, os doentes mentais são afastados da sociedade, seja fisicamente seja psicologicamente; e por outro, os mesmos são colocados num pedestal, no centro da sociedade e da cultura em que estão inseridos.

*"Crer numa loucura localizada no individuo e emprestar ao louco uma vestimenta que o transfigura num monstro não só tende a retirar-lhe o estatuto de humanidade (...) o louco encontra-se excluído do universo comum dos mortais."*⁵

Considerando as duas perspetivas, somos da opinião de que nem uma nem outra fazem sentido, consideradas individualmente. Sentimos que o ideal para o equilíbrio da humanidade em geral seria um meio termo entre as duas perspetivas de análise da doença mental. O doente mental não deve ser excluído da sociedade em que está inserido, estando num pedestal ou sendo visto como um ser inferior e consumido pela desrazão. Deve ter uma perspetiva própria sem ser julgado ou venerado.

Recuando um pouco atrás no documento, os Zulus veneram o seu Xamã, que geralmente tem comportamentos associados à doença mental, enquanto que na sociedade ocidental, o doente é muitas vezes visto como um ser inferior, e vendo esta discrepância de idealizações, questionamos: qual é o sentido desta exclusão da sociedade comum? Em que critérios se baseiam todas estas ideologias?

⁴ "Doença mental e psicologia" de Michel Foucault p.75-76

⁵ "O que é um Loucura?" de João Frayze-Pereira, p.11-12

A base para toda a medicina, seja mental ou de qualquer outro ramo, é o ser humano convencional. Conforme a história foi avançando, a medicina procurou a resolução de certos percalços que foram acontecendo dentro da sociedade, e essa mesma resolução era o indivíduo em questão voltar a ficar normal, segundo os padrões estabelecidos ao longo das décadas.

Loucura na Arte

As relações da Arte com a Psicologia e a Psiquiatria começaram a ser trabalhadas a partir do século XIX, quando certas atividades de teor artístico foram incorporadas nos hospitais psiquiátricos, para ajudar no tratamento dos doentes aí internados.

Inicialmente, este tipo de atividades tinha como principal objetivo auxiliar no diagnóstico do doente, uma procura constante para a identificação das doenças mentais, através do estudo dos vários estilos artísticos já existentes na altura. Neste primeiro contacto com a experiência, a produção artística do "louco" é vista apenas como algo que possa revelar a sua condição psicopatológica.

Naturalmente, os movimentos de vanguarda da época começaram a interessar-se bastante pelas produções dos ditos loucos, e o interesse foi tanto que fez com que as duas voltassem a produção artística para um mundo mais subjetivo e interno.

Ao longo da história da arte existem inúmeros casos de artistas que foram afetados pela loucura. Um exemplo bastante significativo do qual a perturbação mental influenciou a vida, tanto artisticamente como a nível pessoal, foi Edvard Munch.

Munch esteve variadas vezes internado devido à sua loucura, tendo chegado a ser diagnosticado como portador de uma grave neurastenia. Ao pintar pela primeira vez *O Grito*, em 1893, o artista expressou o seu interior e o mal-estar que a loucura lhe causava, no seu quotidiano.

Outro exemplo que ficou conhecido no mundo da arte pela sua loucura, é Vincent Van Gogh. O artista holandês era visto como um louco, devido a todas as suas internações psiquiátricas e também pelas automutilações, que ficaram para sempre recordadas na sua arte.

O autorretrato com a orelha cortada de Van Gogh, é uma obra que apela à subjetividade do artista, que, no momento em que a pintura ganhou vida, já tinha a saúde mental bastante desgastada.

Estes dois artistas foram vistos como loucos, e, a seu tempo, como génios incompreendidos. Não houve o tal equilíbrio que há entre a comunidade. Segundo Antonin Artaud, artista e pensador francês, que esteve internado num hospital

psiquiátrico, durante nove anos, um autêntico louco é um homem que optou por enlouquecer, indo contra a ideia superior da honra humana. A sociedade impediu que os loucos se pudessem expressar, prendendo-os dentro dos manicómios.

Inspirações cinematográficas

1. Fight Club (1999)

"Somos apenas consumidores: simples subprodutos de um estilo de vida obsessivo. Torcemos por clubes de futebol, mas não entramos em campo para jogar; não colocamos questões aos argumentos das "autoridades". Será que tudo o que fazemos é essencial para a nossa sobrevivência?"⁶ (Fight Club)

O filme *Clube da Luta (Fight Club)*, realizado por David Fincher em 1999, foi para mim a maior inspiração para a realização do filme. Trata-se de uma obra que anda à volta da relação entre dois personagens, nomeadamente do narrador, cujo nome é desconhecido, e de um homem chamado Tyler Durden, um produto da imaginação do narrador. A relação entre os dois influenciou-me bastante enquanto construía o enredo à volta das duas personagens principais do filme e a sua relação, ou seja, a Joana e o Nuno.

Conseguimos perceber na visualização do filme de David Fincher que estamos diante de um narrador bastante confuso e enlouquecido devido às insónias que o atormentam. Ou seja, não é alguém, digamos fidedigno para nos contar o que aconteceu realmente.

O mesmo acontece com a Joana. Ela sofre de uma doença mental que não é referida no filme qual é em específico, e devido a toda a exaustão que sente ao ser considerada por muitos como diferente, ela deixa de tomar os seus comprimidos, fazendo com que crie um amigo imaginário para lhe fazer companhia nas horas mais solitárias. No filme estamos a assistir à perspetiva da Joana em relação a tudo o que se passa à sua volta, não sendo necessariamente o que se passa na realidade.

O narrador, como o conhecemos ao longo do filme *Fight Club*, é um homem que não tem qualquer objetivo de vida em concreto para além de dar o seu contributo à sociedade, tendo um emprego e uma casa própria, que por outras palavras pode significar ter uma vida estável. Vive constantemente infeliz pois não tem nada que o faça ter vontade de se levantar da cama todos os dias para trabalhar.

⁶ Filme "Fight Club" de David Fincher; fala da personagem Tyler Durden

O mesmo acontece com Joana, uma pessoa que anda sempre muito séria, raramente sorri, pois não tem muita coisa na sua vida que a faça alegrar. É uma pessoa bastante depressiva, pois não se identifica com o mundo em que se encontra, um mundo que não tolera certas diferenças em certas pessoas, neste caso em relação a pessoas com doenças mentais.

Um pouco antes do narrador do *Fight Club* conhecer o seu alter ego, nomeadamente o Tyler Durden, ele deseja que o avião que vai apanhar caia, apenas para fugir à sua rotina. Este desespero constante em que vive vai fazer com que Tyler apareça na sua vida, uma relação que vai mudar o rumo da sua vida por completo.

Com a Joana acontece algo relativamente parecido, desde que Nuno entra na sua vida, todos os seus problemas deixam de fazer tanta moossa dentro de si, apesar de ser algo negativo para a sua vida.

Uma característica que está interligada com todas as personagens do filme *Fight Club* é a solidão extrema. As personagens em questão são rejeitadas por não seguirem as normas da sociedade em que estão inseridos, ou seja ter um emprego; ter uma família; e morrer. De certa forma, todas as personagens do filme levam uma vida isolada do mundo ao seu redor.

Joana torna-se bastante isolada e triste devido à sociedade em que está inserida. Está constantemente a ser gozada na escola pelos colegas por ser diferente, e sente-se bastante retraída a tentar trabalhar na sua própria personalidade, por isso deixa de tomar os seus comprimidos que controlavam a doença e o seu subconsciente cria um amigo imaginário. Penso que ambos os filmes, *Fight Club* e *Insanis*, são uma chamada de atenção e talvez uma crítica à forma como vivemos atualmente, sendo que no primeiro filme referido a personagem age com um discurso de revolta em relação ao seu modo de vida banal e com uma rotina entediante durante anos, e no segundo filme a personagem defende-se do mundo em que está inserida, vendo no seu amigo imaginário, ou seja o Nuno, um abrigo.

O final do filme *Fight Club* não é de todo claro nem direto. As duas personagens principais, o narrador e o Tyler, estão a lutar, e o narrador, para acabar com a vida de Tyler, decide dar um tiro na sua cabeça, sobrevivendo a este ato bárbaro. Conseguimos perceber que é um final subjetivo, ou seja, não é algo que aconteça realmente no mundo em que vivemos.

No filme *Insanis*, o final em aberto tem a intenção de deixar o espectador na dúvida, se realmente aconteceu a última ação do filme ou não, não só devido à forma como a última cena está estruturada, mas também devido ao conteúdo nela inserido. O que acontece na última cena do filme não passa de um sonho, um produto da imaginação da Joana, mas é algo que faz transmitir para o espectador o que a personagem sente, ou seja, o sentimento de solidão e o facto de se sentir presa às críticas impingidas pela sociedade. Toda esta ansiedade acaba quando ela está ao lado do Nuno, sendo ele uma espécie de refúgio.

2. The Diary of a teenage girl (2015)

Diário de uma adolescente (The Diary of a teenage girl), realizado por Marielle Heller em 2015, passa-se em São Francisco nos anos 70, e começa com Minnie, a personagem principal do filme, a caminhar pelo parque bastante sorridente. A sua mãe Charlotte, que cria duas filhas sozinha, vive uma vida de jovem rebelde, indo a várias festas noturnas e consumindo drogas. Grande parte do filme está em torno da sexualidade da Minnie, que começa a ter cada vez mais interesse nessa área pessoal. Monroe, namorado de Charlotte, tem 30 anos, e certo dia é surpreendido com um pedido arrojado da parte da enteada. Esta pede-lhe para ele lhe tirar a virgindade, sendo que Monroe aceita o pedido.

A relação da Minnie com a sua mãe é bastante semelhante com a da Joana e da Carla, relativamente ao tipo de mãe que as duas são. São duas mães que criaram as suas filhas sozinhas e que, de certa forma, continuam a focar-se em atividades que faziam no passado quando eram mais novas, como ir para a noite embebedarem-se ou consumir drogas. Contudo, na minha opinião, na relação da Minnie com a mãe há um maior companheirismo do que na relação da Joana com a Carla, ou seja, há uma maior cumplicidade e um maior foco uma na outra.

É um filme que me inspirou bastante para realizar o *Insanis* porque, como o nome indica, é um *diário de uma adolescente*. É um filme que, na minha opinião, procura reinventar um pouco a idealização que as pessoas no geral têm da rapariga adolescente, nomeadamente a imagem da rapariga inocente e que não está exposta aos tópicos adultos como o sexo, o álcool ou as drogas.

Nem todas as pessoas são iguais, uns têm problemas que outros não têm, e ao focar-me nesta realidade procuro trabalhar um assunto para ser debatido na sociedade atual, que é a doença mental e a forma como todos nós tratamos as pessoas que vivem com essas doenças. Não se trata apenas de tratar mal a pessoa

doente em questão, trata-se também do facto de estas serem tratadas como diferentes. É importante haver um equilíbrio, não é pela pessoa ter um determinado problema de saúde que terá de ser tratada com repudia ou com pena.

3. Pára-me de repente o pensamento (2014)

"Pára-me de repente o pensamento/Como que de repente refreado/Na doida correria em que levado/Ia em busca da paz, do esquecimento..." (Ângelo de Lima)

Pára-me de repente o pensamento, realizado por Jorge Pelicano em 2014, trata-se de um documentário que envolve o Hospital Conde de Ferreira e os doentes mentais que nele habitam. Com a companhia do ator Miguel Borges, os dois convivem com parte das pessoas que lá estão, uns que conseguem viver o mundo lá fora e ao mesmo tempo viver lá dentro, e outros que, devido ao teor da doença, não podem sair.

Pára-me de Repente o Pensamento tem como principal base um poema do poeta Ângelo de Lima, que no ano de 1894 esteve internado no mesmo hospital onde é filmado o documentário, tendo sido diagnosticado com uma doença intitulada de delírio de perseguição. Ao longo do filme vamos ouvindo várias partes dos poemas do mesmo, sendo que ele imaginava a sua mente como um cavalo que galopava sem parar, como se lhe parasse de repente o pensamento e ele seguisse apenas o galopar do cavalo.

Neste filme, o ator Miguel Borges teve de encarnar Ângelo de Lima numa peça de teatro, sendo que o mesmo ficou durante três semanas hospedado no hospital, para preparar a sua personagem. Os doentes do Conde de Ferreira, grande parte deles diagnosticados com esquizofrenia, vão ajudando-o a perceber o porquê do desespero nas palavras de Ângelo de Lima no seu poema. Sem qualquer guião, o filme vai-se construindo através das convivências do ator com os doentes, assim como a monotonia do dia-a-dia e os seus pequenos rituais que raramente vão além da alimentação e a higiene, da medicação, do café e do cigarro ao final de todas as refeições.

Podemos dizer que é um filme que recusa a imagem estereotipada do doente mental. Não procura mostrar pena pelos doentes nem pretende ser uma fonte de informação sobre a doença para os espectadores. Simplesmente faz de nós observadores dando voz a quem não a tem dentro da nossa comunidade. *Pára-me de Repente o Pensamento* fala apenas dos que vivem no Conde de Ferreira,

através das suas palavras. Ao ouvir as palavras dos doentes e os seus sentimentos conseguimos perceber e mesmo sentir o que é ter uma doença mental. O que é ter um pensamento constante na nossa mente sem ter os meios para poder controlá-lo.

Recordo uma passagem do filme, onde o ator Miguel Borges pergunta a um dos doentes com quem ele convive lá dentro como é que ele ia e vinha do hospital para casa todos os dias, sendo que a resposta dele foi a pé. A razão para ele vir a pé e não de transportes públicos foi o facto de certo dia, um pequeno grupo de jovens ter-se rido dele, chamando-o de maluco. A partir daí, ele prefere ir e vir a caminhar, pois cumprimenta todos os seus amigos que fez nas suas viagens a pé. A partir desta ação vinda das duas partes, seja do doente ou da sociedade em que o mesmo está inserido, podemos verificar que há de facto uma discrepância de valores e atitudes, sendo que o doente procura ser simpático com as pessoas que encontra, e em troca, ele é julgado e humilhado por algo que está fora do seu controlo. É de saudar pessoas como o realizador Jorge Pelicano, que procuram dar voz a estas pessoas para elas se puderem expressar para o mundo em vez de serem alvos de piedade ou até mesmo de humilhação.

A relação do documentário do Jorge Pelicano com o meu filme está identificada no parágrafo anterior. O facto da Joana se sentir inferiorizada pelos colegas na escola devido ao facto de ter uma doença mental tem bastante influência negativa na sua vida, visto que deixa de tomar os medicamentos que controlavam a sua doença, e deixa também de ir à escola. A meu ver, o problema de existir toda esta falta de respeito, não só na doença mental, mas também noutros assuntos controversos da nossa sociedade, não está na pessoa que é humilhada que não se consegue defender da situação, mas sim da pessoa que provoca toda a situação. Há que forçar uma mudança de atitude e de estigma, para que haja cada vez menos o medo de ser diferente.

4. One flew over the cuckoo's nest (1975)

Voando sobre um Ninho de Cucos (One flew over the cuckoo's nest) é um filme realizado por Miloš Forman em 1975, que se encontra entre a comédia e o drama vivido nos Estados Unidos na época, sendo baseado no romance de 1962, do autor Ken Kesey.

O filme passa-se em 1963, no Oregon, onde o criminoso reincidente Randle Patrick McMurphy é transferido para um hospital psiquiátrico após ser acusado de

agressão e violação de uma menina de 15 anos. Apesar de não ser mesmo um doente mental, McMurphy vê neste internamento uma oportunidade para fugir a uma pena de prisão mais pesada. Durante o seu tempo na ala psiquiátrica, McMurphy entra numa espécie de guerra com Ratchet, a enfermeira que chefia a ala psiquiátrica.

O filme foca-se bastante no conflito constante entre o personagem principal e a enfermeira, sendo que ele procura dar uma vida nova e melhor aos seus companheiros, fazendo novas atividades de forma a pô-los a rir de quando a quando, e ela é vista como a má da fita, pois mantém a rotina sedentária dos doentes e não mostra qualquer interesse nos progressos dos mesmos a níveis clínicos e sociais.

Depois de uma festa clandestina com bebidas e mulheres, McMurphy e Chief preparam-se para fugir da clínica, e decidem convidar Billy para se juntar a eles. Este diz que não está pronto para deixar o hospital, e de seguida pede um encontro romântico com Candy, uma das raparigas que foi à festa. McMurphy arranja-lhe então o tal encontro entre os dois. Ratched chega de manhã e encontra tudo num completo caos. Após descobrir que Billy e Candy dormiram juntos, a enfermeira tenta envergonhar Billy em frente a todos os doentes, mas este supera a sua gaguez e enfrenta-a. Após a discussão, Ratchet ameaça Billy com a vinda da sua mãe ao hospital, e este volta a gaguejar e a ficar ansioso, ficando de seguida sozinho no consultório à espera do médico. Momentos depois, Billy comete suicídio e McMurphy fica furioso com Ratched, chegando mesmo a sufocá-la no chão com as duas mãos. McMurphy é levado para a ala superior.

Mais tarde durante a noite, Chief vê McMurphy a ser devolvido à sua cama por dois guardas da clínica. Quando vai ter com McMurphy, ele nota que o seu amigo está totalmente indiferente ao que acontece à sua volta e tem várias cicatrizes de lobotomia na sua testa. Num ato de misericórdia para com o seu amigo, Chief sufoca-o com uma almofada até ele falecer. De seguida, ele levanta a pesada base de hidroterapia do chão, atira-a pela janela e foge durante a noite rumo à liberdade.

Este filme foi uma inspiração na área da crítica que é feita à sociedade. Através da atitude de uma personagem, nomeadamente a enfermeira chefe, o realizador consegue implementar na cabeça do espectador a ideia de que esta atitude é tomada, não só pela pessoa em questão, mas sim por um grupo alargado de pessoas na sociedade a nível global. Foi um filme que me fez procurar certas estratégias para passar a ideia de que é necessário mudar a nossa atitude em

relação aos doentes mentais e a forma como, instantaneamente, afastamo-los da nossa comunidade.

5. Roma (2018)

Os planos sequência foram um tópico que mereceu alguma atenção da minha parte no filme, para não dizer bastante. Devido à complexidade existente em realizar planos cinematográficos deste calibre, há cada vez mais realizadores a sentirem-se atraídos por este tipo de imagens. Podia falar de vários realizadores que me inspiraram a fazer planos de sequência, pois acredito que à medida que o cinema avança na história, nós vamos alternando e evoluindo a nossa visão do mesmo, mas há um que realmente me chama à atenção dentro do que é um plano sequência, e esse realizador é o Alfonso Cuarón.

O filme do Alfonso Cuarón que me fez apostar em planos sequência foi o *Roma*, realizado no ano de 2018. A história passa-se nos anos 70 e mostra a vida de uma família ao longo de um ano, mas foca-se mais numa personagem do que no resto das outras. Essa personagem é Cléo, a empregada da família, que também toma conta das crianças. É um filme bastante íntimo e pessoal por parte do realizador, muito verdadeiro e recheado de afeto entre as personagens.

Ao longo do filme podemos presenciar variadas técnicas cinematográficas, desde a câmara panorâmica estática até aos *tracking shots* horizontais, mas o que realmente me apaixonou neste filme pela qualidade e excelência dos mesmos foram os planos *travelling*. No filme *Insanis*, os planos *travelling* são usados em diferentes pontos do filme e com diferentes propósitos a nível simbólico.

No final do filme e em algumas partes ao longo do mesmo, ficam marcadas pela utilização do plano *travelling*. Na floresta, é um momento de paz e de libertação para a Joana, um momento em que ela se sente realmente bem e que, portanto, tem componentes que dão essa ideia ao espectador. Os ramos das árvores verdes, que transmitem a paz que a natureza nos traz, a iluminação quente e acolhedora, que traz à Joana uma paz ainda maior.

É um tipo de plano que pode transmitir variadas emoções, dependendo claro do teor da cena, mas nesta cena em específico, há uma suavidade, característica do próprio tipo de plano, que provoca no espectador uma sensação extraordinária de paz e de sensibilidade ao que a Joana está a sentir naquele momento. Depois,

em contraste com o resto das cenas, dá para perceber ainda mais a sensação de bolha protetora que a Joana vivencia em relação àquele lugar.

6. Into the Wild (2007)

O Lado Selvagem (Into the Wild), filme realizado por Sean Penn em 2007, é baseado em factos reais, nomeadamente na história de Jon Krakauer, contada num livro escrito pelo próprio ao longo da sua jornada pelas montanhas do Alasca. O filme transporta-nos para o período em que McCandless, a personagem principal do filme, aprende um novo modo de vida enquanto caminha através do seu processo de libertação.

Ao longo da sua adolescência, Chris sempre foi um jovem politicamente consciente e bem-educado. Devido à sua educação, foi sempre esperado pela sua família que ele concluísse os estudos com boas notas e se tornasse alguém importante na alta-sociedade. No entanto, O jovem Chris sempre foi alguém muito aventureiro e procurou sempre algo fora-da-caixa para a sua vida, ou seja, algo que realmente o elevasse a um estado de espírito capaz de o libertar de todas as expectativas. Tem como principal força dois tópicos importantes, nomeadamente: a viagem e a luta do homem contra a natureza.

A natureza tem um papel bastante importante neste filme, não só por fazer parte de grande parte da história, mas também devido à quantidade de planos cinematográficos que transmitem bastante tranquilidade e libertação por parte da personagem em questão. A decisão de abandonar os estudos e partir numa aventura sem destino com o dinheiro da sua bolsa foi uma decisão rebuscada, talvez até um pouco imprudente e irresponsável, mas foi tudo em prol de um objetivo específico e ao mesmo tempo bastante ambíguo: A procura de algo que o liberte de alguma coisa. Na verdade, a natureza tem realmente algo que nos transmite uma sensação de paz, de tranquilidade, mas é algo que se encontra inexplicável para nós seres humanos. Talvez sejam a junção das cores com o silêncio profundo que tenham esse efeito, e, portanto, no filme apresentado há a sensação que a personagem caminha para um novo patamar de libertação e de paz, apesar de se revelar um processo por vezes doloroso e com certos percalços.

A natureza em *Insanis* tem um papel importante, pois representa um pouco a paz que ela tanto procura, e, portanto, as cores que elas evidenciam são cores vivas, como o verde das folhas, o amarelo esbranquiçado do sol por entre as árvores, e também o som dos pássaros que transmitem sempre uma sensação de

paz. Apesar de no filme *Into the wild* se evidenciar mais a cor branca por se tratar de um local com muita neve, a verdade é que ambos os elementos visuais de cada filme procuram transmitir uma sensação de liberdade, de paz da personagem em questão dentro do espaço em que se encontra.

O silêncio também é bastante importante no filme, pois a natureza é um local que faz com que Joana se sinta em paz e à vontade com o silêncio que muitas vezes a persegue, o silêncio da solidão.

O final dos dois filmes são, porventura, desanimadores para os espectadores que assistem aos filmes e que anseiam por tamanha sensação de liberdade. No fundo, o que as duas personagens têm em comum é realmente o querer ser livre, de todos os problemas que os assombram, ou até mesmo da procura do nada que consome as suas vidas vazias, e talvez por quererem tanto sentirem-se dessa forma, os dois jovens levantam os pés do chão e percebem que o mundo não é um mar de rosas, e a solução para tudo isso não é fugir, mas sim encarar o problema da melhor forma possível, sem lhes serem tirada qualquer liberdade nem nada que se pareça.

7. Jaime (1974)

Jaime, filme realizado por António Reis no ano de 1974, tem como principal preocupação manter a cultura com a total liberdade do autor, neste caso do realizador de ficção. Tendo sempre em conta a função de registo, o seu programa de trabalho excedeu logo essa função, idealizando o mesmo que não pode haver um registo profundo e de certa forma durador se o próprio ato de registar não for, semelhantemente, um ato criador, ou seja, algo que transcenda de alguma forma o que está a ser registado e o afaste do real apelando à criatividade e à sensibilidade do autor em questão.

Neste filme não se pode afirmar realmente que haja uma história no verdadeiro sentido da palavra, ou seja, algo com um princípio, meio e fim de certa forma coerente. Há, sim, um movimento constante através de lugares e objetos, do espaço e do tempo, que cria continuamente uma destruição regularizada de uns planos por outros, ou até um ato de destruição de um plano em que as coisas são vistas e percebidas por quem está a assistir ao filme.

O *raccord* que existe em relação à imagem e ao som do filme é quase sempre através de um corte sucessivo para outro local, comprimindo ou

expandindo o mesmo onde a cena anterior se passa. Através dessa rutura constante, decorre um discurso em espiral fundamentado na contraposição das matérias fílmicas, e através disso, há um constante desdobramento de áreas e volumes. E é este duplo movimento que António Reis procura para, de certa forma, exprimir o mundo interior de Jaime.

Olhando para o filme de uma forma mais microscópica, podemos afirmar que é um filme sobre o homem, que procura explorar a mente humana de forma a estabelecer contacto com o cinema e, conseqüentemente, com a própria arte. É um filme que vai ao fundo do poço da solidão de Jaime, e nele descobre a vastidão de uma imensa liberdade.

8. Recordações da Casa Amarela (1989)

Recordações da Casa Amarela, filme realizado por João César Monteiro em 1989, segue o quotidiano de João de Deus, um homem com uma paixão atroz por uma mulher muito mais nova que ele. João está constantemente a espiá-la e, a certa altura no filme, como num ritual purificador pagão, ele bebe a água do duche da jovem e, num ato quase doentio, este anima-se ao ver um pelo-púbico.

Foi um filme que me inspirou no que toca à relação do João de Deus com a dona da casa onde ele mora e mãe da jovem com quem ele tem um fetiche sexual e, ao mesmo tempo, à linguagem corporal que ele dá à cena. De certa forma assemelha-se à relação que Joana tem para com a sua mãe, nomeadamente no que toca à forma agressiva como ela fala e a forma como ele reage à mesma, quase como uma servidão com medo de alguma coisa.

É um filme que tem como principal base o ordinário, João de Deus deseja Julieta, e este desejo é obviamente um desejo sexual, não só devido à atração que sente em relação à sua jovem vizinha, mas também à sua sede de vingança, em relação à mãe dela que, neste caso em específico, representa a autoridade. João de Deus reage mal à autoridade, sendo que também arranca a farda da banda filarmónica de Juliana, símbolo da ordem social.

Há aqui uma linguagem cinemática que também provoca no espectador uma sensação de repulsa na forma como os dois se relacionam. O realizador procura dar a ideia de superioridade por parte da dona da casa e, conseqüentemente, de inferioridade por parte do João de Deus.

Outro assunto neste filme que me fez refletir foi um plano cinematográfico utilizado pelo João César Monteiro, nomeadamente o plano em que a personagem principal atira a sua roupa para a cadeira do seu quarto. Foi o final de mais um dia para a personagem, e, portanto, percebemos que aquele movimento é algo natural dentro da sua rotina. Em relação à Joana, ela começa o dia a atirar a sua roupa para cima da cama, dando a ideia que não se sente contente ou motivada para começar mais um dia, é algo que indica que a Joana não gosta da forma como a sua vida se encontra.

9. Almost Famous (2000)

Quase famosos (Almost Famous), realizado por Cameron Crwoe em 2000, passa-se nos anos 1970, e conta a história de um adolescente de 15 anos que tem a oportunidade de realizar um dos seus maiores sonhos, que é acompanhar uma banda de rock enquanto jornalista da revista *Rolling Stone*. Contra a vontade da sua mãe, que é contra tudo o que envolve o estilo musical, Will vai viajar um numa *tour* com a banda, ignorando os conselhos da mãe. Durante a sua jornada, ele faz novas amizades com os músicos, com os seus fãs e com Penny Lane, a sua paixão de verão.

O que mais me inspirou neste filme foi Penny Lane, uma personagem muito ligada ao período que se vivia em 1969, ou seja, a era do *flower power*, e, portanto, é um espírito livre que gosta de amar e viver a vida em paz e tranquilidade.

Ao longo da história há um desenvolvimento do personagem que mostra ao espectador que nunca é tarde para começar de novo, mesmo quando as coisas não se encontram bem ou como nós realmente queremos.

Quando comecei a desenvolver a história na pré-produção, a personagem que desenhei na minha cabeça tinha bastantes parecenças com Penny Lane, sempre foi uma personagem que me chamou a todos os níveis. Penny Lane e Joana são duas pessoas que, ao longo do seu percurso, chegam ao respetivo fundo do poço, mas a reação que ambas têm ao mesmo difere em várias formas. Penny Lane é alguém que tem muito em conta o amor, e mostra ser na sua rotina alguém bastante alegre e ligada à música que a rodeia. Já Joana esconde esse seu lado mais amoroso e pacífico, pois não consegue superar os demónios que a atormentam, como por exemplo o bullying que sofre ou a sua doença mental. Mas a verdade é que esse seu lado mais parecido com Penny Lane está dentro dela, e a

prova chama-se Nuno. O Nuno traz de volta a alegria e a liberdade que à muito tinham desaparecido da vida da Joana, e sendo ele uma extensão da personalidade dela, então conseguimos perceber que realmente ainda há uma luz dentro da Joana que procura libertar-se das sombras que atualmente vive.

Uma das cenas finais do filme mostra Penny prestes a entrar num voo com destino para Marrocos. Naquele preciso momento, a expressão dela transmite uma paz interior capaz de abraçar uma nova vida, uma nova independência e, talvez, um novo amor. Já no final do filme *Insanis*, a personagem principal encontra-se numa situação bastante sombria para ela, e de repente vê Nuno ao seu lado, a transmitir-lhe que não está sozinha. Ela sorri e fica novamente em paz, pronta para enfrentar o destino que se encontra à sua espera, apesar de no final das contas tudo que viveu desde a floresta até onde se encontra não passar de um sonho lúcido.

Inspirações para além do cinema

Através de um artigo de investigação realizado em 2016 por Ana Querido, é concluído que existe um “forte estigma da população portuguesa face à doença mental e considera o estigma e discriminação como uma ameaça ao programa de saúde a esta população específica.”⁷

Apesar de ser um estudo com algumas similaridades com esta dissertação, no que toca ao tema em questão, ou seja, a doença mental e a forma como a sociedade vê e afasta os doentes mentais, é algo que tem o intuito de mudar algo a nível académico, que faça com que o estudante de saúde em questão tenha um maior contacto com pessoas doentes mentais. Em relação ao tema trabalhado no filme, há o intuito de mudar talvez a mentalidade das pessoas a nível global.

Neste estudo realizado em torno de vários alunos de vários cursos superiores, entre eles o curso de enfermagem, foi apurado que vários estudantes de cursos relativos à saúde vêm os doentes mentais com um olhar de medo, de perigosidade, de evitamento e de responsabilidade. Outros estudantes de outros cursos têm sentimentos de pena, de coerção e de segregação. Mas há um fator que me intrigou bastante e que vem confirmar ainda mais o que tem sido dito até agora, nomeadamente o facto de terem sido registados níveis mais baixos no que toca ao estigma no fator ajuda.

Qualquer pessoa que tenha qualquer doença precisa de ajuda, e o facto de “medo” e “pena” serem mais relevantes do que o fator “ajuda” no caso da doença mental deixa no ar um alerta de mudança na nossa mentalidade, na minha opinião. Digamos, por exemplo, que uma pessoa apanha gripe, há uma série de efeitos secundários nessa mesma pessoa que vêm ao de cima, sendo que essa pessoa, a partir daí, necessitará de ajuda médica ou de alguém familiar/amigo que poderá cuidar dele/a. Visto que é um caso bastante visto na nossa sociedade, não será alvo de olhares estigmatizados. Mas, se porventura, há uma pessoa doente mental que necessita de ajuda, vários elementos da sociedade irão ter comportamentos de medo, de pena e de perigo, tal como os estudantes na área da saúde tiveram. Até ganharem o conhecimento necessário para poderem julgar a situação de um doente mental ou tomar uma posição em relação ao assunto falado, estes estudantes eram membros da sociedade que estavam a “ir com a maré”, ou seja, o estigma criado à volta deste assunto, talvez devido ao passado negro em volta do mesmo, envolve

⁷ *O Estigma face à doença mental nos estudantes de saúde*, estudo realizado por Ana Querido em 2016.

peessoas que não sabem do que se trata mas já têm uma imagem do que poderá ser. Não acho que seja por mal, mas acredito que há algo a fazer para lidar de forma correta com a situação. Acredito que deve haver mais informação, formas de passar a informação sobre assuntos que estão estigmatizados pela sociedade às pessoas do dia-a-dia que não sabem do que se trata.

A sociedade nos dias atuais tende a pôr de lado várias coisas que diferem do habitual, ou seja, do que corresponde à maioria das pessoas do planeta Terra. Por vezes a pessoa doente em questão necessita apenas de alguém com quem falar, com quem desabafar, para que a sua doença não se descontrole. Um pequeno ato pode fazer a diferença.

Neste filme temos um exemplo mais familiar do que propriamente social, mas se porventura a Carla tivesse mais compaixão pela sua filha ou se os seus colegas de turma fossem simpáticos com ela em vez de lhe chamarem de maluquinha, talvez este episódio dos medicamentos não acontecesse. Todo este ambiente criado à volta dela faz com que a Joana se sinta mal com o que está a criar toda esta reação exterior, ou seja, a sua doença. E todo este ambiente criado em torno do preconceito faz com que as pessoas se afastem cada vez mais. Ao longo da nossa história enquanto sociedade, tivemos momentos em que o preconceito prevaleceu à união, e provou ser uma decisão avassaladora no que toca a perdas humanas. A união faz a força e este filme mostra muito isso através de um exemplo que não deve ser seguido e que acontece variadas vezes nos dias de hoje. A verdade é que se todos ajudarmos quem precisa de ajuda, nem que seja um simples ato de amor, o mundo torna-se num lugar melhor.

Nos dias atuais, tal como ao longo da história da humanidade, as pessoas com doenças mentais são constantemente estigmatizadas com comportamentos reprováveis por parte de alguns membros da sociedade. Mas não considero que a culpa seja totalmente por parte dessas mesmas pessoas.

Existe uma enorme falta de informação no mundo em que vivemos sobre a doença mental, e a ideia que se cria na cabeça das pessoas deriva de um estigma criado ao longo da história, em que os doentes mentais foram alvo de vários atentados, tanto a nível social como a nível médico. Se, porventura, a mesma informação fosse concedida em locais onde há uma maior afluência de pessoas, como por exemplo as escolas e a televisão, talvez o número de pessoas doentes mentais vítimas de *bullying* fosse menor. Dentro deste tema, o objetivo do filme é realmente mostrar que devemos permanecer unidos em vez de encontrar cada vez mais diferenças entre nós. Um pequeno gesto pode realmente fazer a diferença.

Segundo um estudo realizado pela YMCA⁸, mais de metade dos jovens estigmatizados por serem doentes mentais afirmam que são vítimas de *bullying*, não só pelas pessoas da sociedade a nível geral, mas também por parte dos seus amigos mais próximos.

Em 2.000 jovens com idades entre os 11 e os 24 anos, descobriu-se que 38% dos mesmos se sentem julgados pela sociedade por serem portadores de uma doença mental. Os tipos de estigmatização incluídos no estudo têm em conta as pessoas que são deixadas de fora das atividades (54%) e que são alvos de abuso verbal (36%). A maioria dos afetados disse que este tipo de *bullying* prejudica-os na autoconfiança e, naturalmente, no respetivo desempenho escolar.

A YMCA apoia a campanha de saúde mental #IAMWHOLE, que conta com o apoio de várias celebridades, nomeadamente com James Corden, Dermot O'Leary e Ed Sheeran. A campanha tem como principal objetivo mudar o modo como a sociedade vê a doença mental e incentiva os jovens que sofrem com o estigma criado em torno do tema a pedir apoio junto dos seus entes queridos e de profissionais na área.

No filme *Insanis*, temos vários exemplos de estigma contra a doença da Joana, mas o maior apoio que ela necessita, nomeadamente o da sua mãe, não está muitas vezes disponível para ampará-la nos tempos difíceis.

Face a este acontecimento do ente querido desenvolver uma doença mental, à família é-lhes inculcado automaticamente o papel de cuidador da pessoa doente. Existe toda uma sobrecarga física e emocional das pessoas envolvidas, um isolamento social e a falta conhecimento da doença e das manifestações da mesma.

As famílias com encargos sobre pessoas doentes mentais sentem-se várias vezes inseguras e sem saber como agir face às manifestações dadas pelo doente, havendo alguma carência no que toca à informação sobre como lidar com o doente e a quem recorrer numa situação de instabilidade.⁹

No estudo referido no parágrafo anterior, foi constatado que várias famílias foram encontradas algo inseguras devido à complexidade da doença, à pouca informação que têm em relação à evolução da mesma, como devem agir perante as manifestações da doença e com dificuldade em gerir as próprias emoções. Foi

⁸ A campanha #IAMWHOLE pretende incentivar os jovens a desafiar o estigma negativo em torno da saúde mental e incentiva também outros a falar e a procurar ajuda.

⁹ *As famílias com Doentes Mentais*, estudo realizado Maria Filomena Pereira Gomes; Maria Manuela Martins e José Amendoeira em 2011.

verificado que, um número elevado de familiares alegam não ter qualquer informação sobre a doença.

A família é, naturalmente, reconhecida como o grupo social mais significativo para cada membro da nossa sociedade, e, ao longo dos anos, tem vindo a sofrer alterações, tanto a nível da sua estrutura como a nível do desempenho dos seus papéis e nas respetivas interações com a comunidade em que vivem. A família é no fundo o que está por trás a amparar-nos as quedas e o que nos empurra para o sucesso, e na grande maioria dos casos, são quem cuida das pessoas portadoras de doenças mentais.

Alguém que realmente pode fazer a diferença, dentro dos possíveis, no que toca à ajuda às famílias com doentes mentais e a respetiva angariação de apoios para, de certa forma, atenuar a sua preocupação, são os enfermeiros. Os enfermeiros são as pessoas que mais lidam com doentes mentais, para além das respetivas famílias, e, portanto, são quem mais compreende as dificuldades que as mesmas passam. Penso que deveria haver algum tipo de formação e ainda mais acompanhamento de carácter psicológico, não só em relação ao próprio doente como também relação à família, que está constantemente em alerta.

As orientações políticas sobre a saúde, e, neste caso em particular sobre a saúde mental têm a opinião de que se deve manter as pessoas doentes mentais na comunidade em que estão inseridos. Segundo o estudo apresentado, as observações retiradas em relação à responsabilidade da família sobre o facto de um dos seus membros adoecer são exemplos bastante repetidos. Esse tipo de sentimentos, perturbam não só o bem-estar do cuidador, mas também da pessoa cuidada, como se fosse um ciclo vicioso.

Pegando no exemplo do filme, a doença da Joana tem claramente um efeito negativo na sua mãe, Carla. Há a necessidade de ausência da parte da mãe em relação à filha, como se não quisesse estar com ela, e penso que esta separação se deve, em parte, à imprevisibilidade da doença de Joana, que provoca um nervosismo e uma irritação profunda na mãe. Algo que poderia melhorar, de certa forma, a relação entre as duas seria um apoio constante por parte do agrupamento que coordena a medicina psicológica nacional, de forma a impedir o desgaste sentimental do cuidado e, principalmente, do cuidador.

A tristeza é, de todos os sentimentos humanos conhecidos, o que mais impacto causa nas nossas vidas. Todos nós seres humanos conhecemos a tristeza profunda em algum período da nossa vida, é algo que já faz parte do ciclo da vida,

e com o passar do tempo, essa mesma tristeza é atenuada, ou até mesmo totalmente ultrapassada dependendo do tamanho da dor. Mas tudo isto é um pouco relativo visto que falamos de tristeza e dor, pois depende muito de pessoa para pessoa. Existem pessoas que lidam bem o suficiente com a dor, e outras que se deixam afetar bastante pela mesma.

No caso da Joana, ela é das pessoas que se afeta bastante com a dor infligida por outras pessoas. Para ela, o facto de ter uma doença mental que lhe dificulta a vida e depois ainda ter de lidar com a negação à sua presença no local onde passa a maior parte dos dias, ou seja a escola, é algo que a afeta e que a faz deixar de tomar a medicação, algo indispensável para o controlo da sua doença. Apesar de não poder contar com a mãe para desabafar todos os seus problemas, sociais ou de saúde, a Joana poderia procurar ajuda junto de profissionais, e juntos encontrariam uma solução para o problema em mãos. Mas Joana não sabia que essa poderia ser uma solução em mãos, pois é natural uma adolescente com problemas de saúde mental e com uma mãe algo ausente não agir dessa forma em prol da sua felicidade.

Ao mostrar o exemplo da Joana no filme, pretendo que o espectador que esteja a ver a ação e que se identifique com o que a personagem está a passar tome medidas para que não caia na situação de depressão profunda da personagem principal do filme.

Procuo incentivar, através de uma situação algo negativa, o serviço nacional de saúde a alastrar cada vez mais o nível da sua informação para as escolas, um local onde várias crianças e jovens sofrem em silêncio por algo que, com algum esforço e dedicação, pode ser resolvido.

Os problemas alcoólicos também são um tema abordado no filme, algo que está relacionado como um dos fatores que provoca o afastamento de Joana e Carla. O alcoolismo tem como base um conjunto de contratempos associados ao consumo excessivo de álcool, algo que afeta naturalmente o indivíduo e a respetiva família de uma forma geral, causando o afastamento normal que há neste tipo de situações. O alcoolismo põe ao de cima uma quebra no ambiente familiar, criando um certo conflito familiar e uma perturbação de toda a dinâmica da mesma. E é isso mesmo que acontece com Carla e Joana.

O facto da Joana não se sentir, muitas vezes, amparada pela mãe, tem bastante a ver com o facto de Carla se focar mais na sua dependência no álcool do que no bem-estar da filha. Vemos, em algumas partes do filme, Joana a ter de

cuidar de si própria, quando a mesma encontra a mãe alcoolizada deitada no sofá, e vemos também a falta de paciência que Carla tem para com a Joana, em situações como quando começa a falar de forma agressiva e não atendendo ao estado de saúde psicológico da filha, que se encontra também bastante preocupada com a situação de bullying na escola.

Anteriormente abordei o tema do desgaste psicológico a que os cuidadores estão sujeitos, pois nem todas as pessoas são fortes para continuarem firmes e focadas no tratamento do ente querido, o que é o caso de Carla. A verdade é que Carla vê no álcool um refúgio de todas as preocupações que a doença da filha lhe traz, e começa a perder o controlo do mesmo quando este deixa de ser um refúgio e passa a ser um passatempo constante.

Pré-produção

Começando pela etapa da pré-produção, diria que esta foi diferente de todas as outras, não só a nível de funções naturalmente, mas também por não saber das dificuldades que o país e o mundo iriam passar alguns meses depois. A verdade é que o Covid-19 veio realmente dificultar bastante as tarefas que tinha a realizar, e foi mais um fator a ter em conta no meio de tantos outros. Foi uma etapa de alguns obstáculos, nomeadamente na estruturação de toda a história. Para passar a mensagem que procurava da forma correta, foram escritas bastantes versões do argumento, pois não estava a fazê-lo de forma correta. Felizmente consegui encontrar o fio à meada e cheguei a um consenso comigo mesmo no que toca ao enredo do filme.

Ao longo da escrita do argumento fui, naturalmente, imaginando onde iria ser filmada a curta-metragem, sendo que tive sempre em mente locais onde não teria de gastar qualquer valor a nível financeiro. Para a casa da Joana utilizei a minha própria casa, onde criei os cenários do mesmo; Para a escola, pedi à minha tia, que é diretora de uma escola, se poderia filmar lá durante o fim-de-semana; Para o banco de madeira onde Joana se encontra com Nuno pela primeira vez e não só, tive de pedir autorização ao Parque da Devesa, em Vila Nova de Famalicão, para poder gravar lá entre os dias 9 e 16 de Julho; e para a floresta do sonho da Joana, filmei no monte de Santa Catarina, em Vila Nova de Famalicão, que se encontra relativamente perto de minha casa e, portanto, facilita a mobilidade de um lugar para o outro sem quaisquer dificuldades.

Outro aspeto que me preocupou um pouco na fase da pré-produção, foi a contratação de atores. Poucos dias antes da pandemia se instalar em Portugal, eu preparava-me para abordar alguns alunos do curso de teatro da ESAP, mas com isto tudo percebi que seria bastante complicado, senão impossível abordá-los de forma a fazer o casting e escolher a melhor opção para cada papel. Tentei então, dentro dos possíveis e confinado dentro de casa, encontrar atores dispostos a arriscar a vida para atuar num projeto sem qualquer retorno financeiro. Visto que não tenho qualquer tipo de ligação direta com pessoas do mundo teatral nem qualquer orçamento para investir em atores profissionais, desde o início que me preocupou esse assunto, sendo que essa insegurança aumentou de tom quando a epidemia do covid-19 tomou conta do mundo inteiro. No entanto, com a ajuda de amigos e família, consegui encontrar as pessoas certas para o trabalho.

Passadas algumas semanas de instalada a quarentena, a faculdade alargou o prazo para mais um mês em relação ao que estava projetado no início do ano, no entanto esta esteve fechada ao longo de dois meses e não havia forma de nós, alunos de mestrado, requisitarmos o material necessário para gravarmos o filme. De certa forma, esse tópico foi algo que realmente abalou a evolução do projeto, pois é como se nos tivessem tirado um mês de trabalho, apesar de ser pelo bem e pela saúde dos alunos e colaboradores da faculdade.

19 de Maio de 2020

Neste dia, decidi ligar para a universidade e requisitar o material para filmar a curta-metragem. Acontece que apenas tenho o material disponível entre os dias 9 e 16 de Julho, algo que me complica bastante o processo de criação do filme em si, visto que a entrega será para o dia 31 de Julho. Entretanto, um dos atores principais do filme mostrou-se algo preocupado com esta situação, visto que tem um ente querido dentro do grupo restrito de pessoas de “risco” em relação ao covid-19. É um favor que ele me faz enquanto amigo, visto que não tenho orçamento para poder apostar em atores profissionais.

25 de Maio de 2020

Neste dia descobri que o diretor de fotografia não estará disponível os dias todos. Naturalmente, é algo que dificulta ainda mais a produção do filme, mas por mais difícil que o projeto fique temos que lidar com a situação da melhor maneira. Visto que o diretor de fotografia poderia apenas no fim de semana dos dias 11 e 12 de Julho, eu marquei as gravações para os dias 10, 12 e 13 de Julho, sendo que para o dia 10, pedi a um ex-colega de curso e amigo para o substituir.

No entanto, surgiu uma boa notícia. Tive hoje a confirmação de que já tenho uma atriz confirmada para o papel da personagem principal do filme, nomeadamente a Joana. Ao longo do processo de escolha dos atores e de tudo o que envolve a produção do filme, o papel da Joana esteve sempre vazio, pois não encontrava ninguém adequado e nem tinha os meios para efetuar um casting para tal, devido à pandemia do Covid-19 e ao confinamento a que fomos sujeitos. No entanto, enquanto falava com a minha família sobre os problemas que me assombravam a realização do projeto, a minha mãe lembrou-se de uma pessoa que poderia ser ideal para o papel. Então, decidi ver o perfil dela nas redes sociais e

percebi que ela tinha realmente o perfil idealizado durante o processo da escrita do argumento. A atriz chama-se Catarina Guimarães e foi aluna da minha mãe na disciplina da matemática. Apesar de não estar na área artística e de não ter qualquer experiência no ramo do cinema, ela gosta bastante de cantar e de fazer teatro, e tem o perfil desejado para o papel.

Gravações

Os dias de gravação foram previamente idealizados para se realizarem ao longo de três dias, nomeadamente, entre os dias 10 de Julho e 13 de Julho. No primeiro dia, estaria previsto começar às 10 horas e 30 minutos e acabaríamos apenas às 22 horas e 30 minutos, contando já com as horas de almoço e de jantar. Já no segundo dia, iríamos começar às 15 horas e só acabaríamos às 17 horas e 15 minutos. No último dia de gravações, começaríamos às 17 horas e 30 minutos e acabaríamos às 20 horas e 20 minutos. Tanto na teoria como na prática, era esperado que estes horários fossem respeitados, e em parte foram, mas aconteceram vários fatores externos que puseram em causa toda a produção e que, naturalmente, tiveram de ser ajustados para que tudo corresse pelo melhor.

Visto que vivemos num período particularmente difícil, não só para os cineastas, como para todos, a angariação de orçamento para as coisas básicas, mas dispendiosas, de uma produção, foi algo difícil de lidar e que, de certa forma, fez com que por vezes me focasse mais no filme como produtor do que propriamente como realizador do mesmo. Um dos tópicos que desde cedo me preocupou foram os atores do filme. Apesar de ter tido bastante sorte em conseguir arranjar atores numa época tão difícil, a verdade é que tive de ter em atenção os horários deles antes dos meus e dos da produção inteira.

Outro tópico que condicionou bastante as gravações foi o calor. Ao longo dos três dias de gravação, posso afirmar que a temperatura média estava entre os 30°C e os 35°C, e, portanto, nestas condições climatéricas tornou-se bastante difícil trabalhar e mantermo-nos concentrados, sendo que muitas das vezes trabalhamos durante horas debaixo de sol nas horas mais preocupantes. Infelizmente, devido à grande afluência de requisições de material após os dois meses de encerrada a faculdade, apenas consegui requisição do material desejado para estas datas, portanto não tive grande poder de escolha nesse aspeto.

Gravações – dia 10 de Julho

Foi neste dia que começamos as gravações do filme. Estava previamente programado começarmos as filmagens às 10 horas e 30 minutos em ponto, sendo que a equipa técnica chegaria por volta das 9 horas e 30 minutos para colocar o material todo em ordem para gravar. Um pouco antes da equipa técnica chegar, procurei organizar a cozinha e o quarto de forma a estarem conectados com a história. Na cozinha, coloquei várias garrafas vazias de vinho e de cerveja em cima da banca e também várias sertãs e pratos por lavar, dando um certo desleixo da parte da Carla, a mãe de Joana, no que toca à arrumação da casa. Em relação ao quarto da Joana, tornei-o bastante simples, com alguns elementos que chamam à atenção do espectador sobre a psicologia da personagem.

Num último *check-up* ao equipamento de áudio, percebemos que o mesmo não estava a funcionar corretamente. O gravador que utilizamos não estava a receber qualquer sinal do microfone, e, naturalmente, foi algo que nos preocupou a todos, pois sem o gravador de áudio a funcionar não seria possível realizar a curta que foi preparada ao longo de um ano inteiro. Após várias tentativas falhadas em reverter a situação, houve apenas uma solução: Ir à faculdade e tentar, com a ajuda do Sr. Carlos, da área das requisições de material da ESAP, colocar o gravador a funcionar novamente. Demoramos aproximadamente 45 minutos a chegar à faculdade, e quando chegamos, tentamos então resolver em conjunto o problema. Estivemos aproximadamente 1 hora em volta do aparelho, e parecia, com algum desgosto, que o problema não se iria resolver. No entanto, entrou na sala um aluno da faculdade de áudio, que facilmente conseguiu resolver o problema em menos de 5 minutos. Acredito que se nós, alunos de mestrado de realização - cinema e televisão, tivéssemos tido um maior contacto com este tipo de equipamentos, provavelmente não teríamos tido este problema, mas a verdade é que este surgiu e tivemos de o resolver com a maior das urgências.

Após voltarmos novamente ao local das gravações, nomeadamente a minha casa, percebemos que estávamos com nada mais nada menos do que 2 horas de atraso, algo que nos fez repensar todo o processo de filmagem que seria realizado da parte da manhã. Começamos as gravações no quarto, onde realizamos todo o processo da Joana ao acordar, nomeadamente o despertador a tocar, ela a levantar-se da cama, abrir o armário e a tirar a roupa do mesmo. De seguida, dirigimo-nos para a cozinha, onde gravamos as duas cenas do pequeno almoço. Nestas duas cenas em concreto, houve certos tópicos que nos fez preocupar. Um

deles foi o *raccord* da cena. Visto que fizemos entre quatro a cinco planos com o copo e a garrafa de vinho em cima da mesa, tivemos sempre cuidado, juntamente com os atores, em manter a posição dos dois objetos, de forma a não haver qualquer erro irreversível. Outro dos tópicos que preocupou ao longo da manhã foi em relação aos comprimidos que a Joana tomou. Ao longo dos takes e dos diferentes planos que realizávamos, a carteira dos comprimidos ia-se esvaziando, e tornava-se praticamente impossível manter a continuidade se ela continuasse a tirar um novo sempre que repetíamos a cena. Então, a solução que encontramos foi ela usar sempre o mesmo comprimido, e quando repetíamos ela voltava a colocar o mesmo na carteira dos comprimidos. Apesar das adversidades, conseguimos filmar todos os planos previstos e fizemos uma pausa para almoço por volta das 15 horas da tarde. Fomos almoçar ao restaurante "Três Irmãos", o qual agradeço desde já a disponibilidade para nos servirem tão em cima da hora e a um horário tão descoordenado.

Por volta das 15h30, chegamos a casa novamente para pôr tudo pronto para filmar. Passados 10 minutos, o ator que interpreta a personagem do Nuno no filme chegou e aí continuamos com a nossa jornada. Filmamos umas pequenas cenas no quarto e na mala do carro ao longo de aproximadamente 2 horas. No entanto, estas cenas filmadas ao início da tarde tomaram-nos bastante mais tempo do que inicialmente tínhamos previsto, pois tivemos de realizar cerca de 12 takes numa só cena, e, portanto, esse atraso veio-se a revelar muito importante para o desfecho do projeto, pela negativa.

De seguida, fomos ao parque da Devesa em Vila Nova de Famalicão filmar a cena do Nuno e da Joana no banco de jardim. Quando chegamos então ao parque, percebemos que iria decorrer uma aula de ginástica com música alta mesmo junto ao banco de jardim, sendo esta derivada de um festival de música promovido pela própria câmara municipal de Vila Nova de Famalicão. Naturalmente, foi algo que dificultou bastante o desfecho das filmagens no local, pois não houve o tempo necessário para filmar tudo o que realmente queria. Apesar de nos encontrarmos num espaço aparentemente mais calmo e sem grande alarido, a verdade é que bastou um pequeno atraso nas cenas anteriores para chegarmos à hora das atividades culturais e, conseqüentemente, não poderemos filmar os planos inicialmente projetados. Porém, na prática, acabámos por não conseguir escapar a este género de percalços. Felizmente, e com a ajuda dos promotores da aula de ginástica que desligaram a música até à aula, que se iria realizar dentro de 10 minutos, conseguimos filmar pelo menos 1 plano com sucesso, que engloba toda a cena.

De seguida voltamos a casa, filmamos cerca de três planos da personagem Joana a caminhar no passeio e fizemos um intervalo para jantarmos. Visto que só faltava apenas uma cena para acabarmos esse dia de filmagens, apenas podíamos filmar à noite devido à cena se passar durante a noite, pelo que tivemos de esperar cerca 1 hora e poucos minutos para que isso acontecesse. Enquanto isso, estivemos todos juntos numa mesa a falar do que tinha corrido bem e do que tinha corrido menos bem ao longo do dia, e, de certa forma, do que poderíamos melhorar.

Quando estava prestes a chegar a noite, começamos então a arranjar tudo relativamente à cena que íamos filmar a seguir. Comecei por dar as indicações aos atores do que queria que eles dissessem nessa cena e, principalmente, a forma como eu queria que eles dissessem. De seguida, pedi-lhes que permanecessem nos lugares e fomos então arranjar o plano que iríamos filmar. Uma das preocupações que tivemos nesta cena em específica foi realmente a iluminação, visto que o Nuno estaria lá fora e não sabíamos bem se seria possível vê-lo nitidamente através da câmara. Pegamos então num LED e colocamos a um pouco mais de três metros dele, diminuindo também um pouco a intensidade da luz e colocando-a um pouco mais intermédia, entre a luz fria e a luz quente. Outra das preocupações nesta cena foi a forma como iríamos passar do foco na Joana com o Nuno desfocado ao fundo para o foco no Nuno, e de seguida passar para o foco na Joana novamente. Não conseguimos fazê-lo logo à primeira com a fluidez que desejávamos, mas ao quarto take chegamos lá.

Apesar de estarmos já na última fase do último dia de filmagens, surgiu novamente um imprevisto que nos impediu de filmar as coisas com tempo. A atriz que interpretou a personagem Joana ficou de repente inquieta, e rapidamente percebemos que ela estava com muita pressa e que não podia estar connosco muito mais tempo. Esta pressa levou-nos a aumentar o ritmo das gravações e, automaticamente, a realizarmos o filme, não de forma mais desleixada, mas de forma mais precisa, sem termos tempo de fazer vários takes de segurança. Dando o exemplo deste último plano referido acima, geralmente enquanto realizador, quando em quatro takes só acerto em um, procuro realizar mais um ou dois takes por segurança, pois nunca se sabe o que pode acontecer, mas neste caso não deu para o fazer, pelo que avançamos para outro plano. De seguida, fizemos então o plano em que o Nuno aparece dentro do quarto de Joana como que por magia. Neste plano procuramos encontrar uma forma de apanhar ambas as personagens, juntamente com todo o cenário à sua volta.

A vizinhança revelou ser também um problema bastante difícil de lidar, visto que a minha casa é no meio do campo e o silêncio descobre sons de pessoas a falar nas suas varandas, animais a fazerem barulho, entre outros percalços. Este tipo de acontecimentos levou, frequentemente, à interrupção e à repetição de inúmeros planos, o que atrasa novamente todo um processo idealizado na pré-produção.

Felizmente conseguimos praticamente cumprir o horário previsto de forma antecipadamente, ou seja, acabamos por volta das 22 horas e 40 minutos, e apesar de termos cortado alguns planos ao longo do dia, a verdade é que conseguimos filmar todas as cenas que queríamos, portanto posso dizer em suma que, apesar das adversidades, o primeiro dia foi um sucesso.

Gravações – dia 12 de Julho

O dia 12 de Julho foi o segundo dia de gravações. No dia anterior a atriz da Joana avisou-me que teria de se ir embora por volta das 17 horas e 30 minutos, sendo que teríamos de começar mais cedo. Tendo previsto que antecipadamente que as filmagens deste dia iriam começar à 15 horas e 30 minutos e acabar às 18 horas e 30 minutos mais coisa menos coisa, decidi então em conjunto com os meus colegas de trabalho antecipar então o início das filmagens para as 14 horas e 30 minutos.

Por volta das 14 horas, a equipa técnica chegou ao local para fazer um último *check-up* do material e para colocar tudo pronto para a chegada dos atores ao ser. O meu diretor de fotografia veio um pouco mais cedo que as 14 horas para tentar colocar a gimble da faculdade a calibrar corretamente, visto que durante dois dias não o consegui fazer com a ajuda de tutoriais na Internet. Infelizmente, ele não conseguiu resolver esse problema e tivemos de gravar com a gimble pessoal dele, com um equilíbrio e uma estabilidade menor que a da faculdade. Às 14 horas e 30 minutos tínhamos o material todo. colocado na mala do carro e estávamos prontos para arrancar viagem rumo à escola onde iríamos filmar, uma viagem que demorou perto de 30 minutos a fazer-se.

Chegamos pouco antes das 15 horas ao local, tendo já lá à nossa espera as figurantes que iriam participar na cena da cantina da escola. O primeiro plano que filmamos na escola foi a chegada da Joana à mesma. Infelizmente demorou mais do que o previsto, cerca de 1 hora e poucos minutos a realizar, e foi por uma razão muito simples. Nós podíamos filmar na escola, mas não nos foi dada autorização para aparecer o nome da mesma, nome esse que se encontrava na fachada da entrada. Após várias técnicas utilizadas, conseguimos filmar esse plano e rapidamente seguimos para plano seguinte.

Entretanto, no meio de toda esta algazarra, a Catarina disse-me que ela tinha de se ir embora às 17 horas, ou seja, faltava apenas 1 hora e poucos minutos para ela ter de ir embora. Perante este cenário tive de optar entre várias opções, e decidi eliminar a cena 1 prevista na pré-produção, que seria a Joana a caminhar na escola até à cantina e a ser empurrada e chamada de maluca por uns rapazes. Por se tratar de um plano de difícil execução, nomeadamente um plano com aproximadamente 30 segundos em que a gimble acompanhava as costas da Joana até ao local da sua chegada, optei por fazermos realmente o essencial para

podermos contar a história. Contudo, foi com um certo desgosto que o fiz, pois tratava-se de um dos planos mais desafiantes, senão o mais desafiante desta curta-metragem. Mas a vida é feita de opções, e foi exatamente isso que tive de fazer naquele momento, optar.

Após filmarmos o primeiro plano na entrada da escola, dirigimo-nos todos para a cantina, para filmarmos a cena da Joana a tomar o comprimido na hora de almoço e a ser gozada pelos restantes colegas, que se encontravam nas mesas junto a ela. Realizamos um primeiro plano geral de todos os intervenientes na ação, e foi feita a cena toda neste plano. De seguida, procuramos uma outra perspetiva através de um plano nas costas da Joana, plano esse que tinha como objetivo ter mais pormenor das mãos dela a segurar a carteira dos comprimidos e, ao mesmo tempo, ter a visão dela para os colegas.

Posteriormente, avançamos para a segunda cena da entrada da escola, onde a Joana para junto à mesma, olha para dentro da escola, olha para fora, e decide não entrar. Inicialmente, a Joana iria nesta cena deitar o comprimido que tinha fingido tomar para o chão, e a seguir realizar o resto da ação. No entanto, devido à rapidez que tivemos de ter, tanto a nível mental como a nível físico, o ato de deitar o medicamento ao chão caiu no esquecimento, e nem eu nem nenhum membro da produção com acesso ao argumento se lembrou desse pequeno pormenor. Contudo, foi mesmo um pormenor, pois consegui contar na mesma a história como queria e não fez qualquer diferença não a ter realizado.

Passamos para um outro plano da mesma cena, este da parte de dentro da entrada da escola, com vista para os dois colegas da Joana, que conversavam um com o outro, e a personagem principal, que se encontrava do lado de fora a olhar para eles. De seguida, ela decide sair dali para fora e a cena acaba aí. Um dos problemas que tivemos nesta cena em específico foi a falta de tempo para podermos arranjar a iluminação dos dois planos, de forma a ficar uniforme. Se, porventura, tivéssemos tido esse tempo, se calhar estes dois planos ficariam bastante melhor do que realmente ficaram, mas não há que lamentar o que não se pode mudar. Demoramos entre 30 a 40 minutos a filmar o resto das cenas na escola, tudo de forma acelerada, e de seguida voltamos novamente para Famalicão para filmar a cena que faltava no parque da devesa, visto que no dia 10 não foi possível.

A segunda cena filmada no parque foi bastante rápida e eficaz de se realizar. Chegamos ao local, montamos o set e o meu pai, que interpretou a personagem do empregado da escola, chegou passados 5 minutos da nossa chegada. Após 10

minutos em que fizemos dois takes, um de segurança, acabamos de gravar tudo e fomos para minha casa. Chegando a casa, a primeira coisa que fizemos foi ver o material que tínhamos do dia todo. Assim que o fizemos percebi que faltava realmente qualquer coisa, penso que se tivéssemos tido o tempo necessário para filmar com segurança, talvez tivéssemos tido filmagens com maior qualidade e com mais sentido, visto que não chegamos a filmar a primeira cena do filme. De seguida, demos realmente como terminado o segundo dia de filmagens, acabando com um pequeno convívio junto da minha família, com bebidas frescas e um pequeno lanche.

Foi um dia, apesar de bastante atarefado, um pouco menos produtivo em relação ao primeiro dia de filmagens, mas penso que trabalhamos bem e que, com o pouco que nos foi dado, conseguimos aproveitar ao máximo e isso já é um ponto positivo para um dia de trabalho.

Gravações – dia 13 de Julho

O dia 13 de Julho foi o nosso segundo dia de gravações. Inicialmente tinha sido previsto começar por volta das 18 horas, mas como não conseguimos filmar no dia anterior as cenas do carro, tivemos de antecipar 1 hora, ou seja, começamos as gravações por volta das 17 horas. A equipa técnica chegou às 16 horas e 30 minutos para montar o material necessário para as gravações.

Tendo chegado a atriz às 17 horas, estava tudo pronto para começarmos a filmar. Inicialmente tínhamos pensado filmar duas das cenas em apenas dois planos, com a ajuda da gimble. No entanto, visto que a gimble que tínhamos pensado para estes planos não estava a trabalhar, nomeadamente a da faculdade, e que apenas tínhamos uma de porte pequeno com pouca estabilização para o que desejávamos, tivemos de optar por realizar planos de panorâmica para obter o efeito que desejávamos com o movimento da gimble. O efeito desejado foi conseguido com sucesso, mas despendeu-nos bastante tempo para o realizarmos, visto que o único tripé disponível para fazer este tipo de movimentos com qualidade era o da faculdade, e este, infelizmente, veio defeituoso e praticamente impossível de trabalhar, tanto que apenas o utilizamos para estas duas cenas, o resto do filme foi filmado ou com a gimble pessoal do meu diretor de fotografia ou com o meu tripé de fotografia pessoal. Entretanto, em vez de realizarmos apenas dois planos e os respetivos takes, tivemos de realizar cerca de três planos mais os respetivos takes, ou seja, parte do tempo que tínhamos previsto para os outros planos foi encurtado por este imprevisto, algo que tivemos de ajustar em relação à forma como contamos a história.

De seguida, fomos filmar a cena da discussão da Carla com a filha Joana, sendo esta relativa à questão de a Joana ter sido apanhada pela mãe a falar sozinha. Esta cena foi, em comparação com as cenas filmadas anteriormente, pois uma discussão é um tipo de ação diferente que requer uma linguagem cinematográfica mais precisa para estar, de certa forma, à altura da intensidade que as personagens projetam para o público. Apesar de não ser tão difícil como as duas cenas anteriormente filmadas no mesmo dia, a verdade é que esta cena também iria ser filmada toda num plano só, novamente com recurso da gimble. Ao longo da pré-produção, enquanto idealizava a forma como queria transportar as cenas do papel para a tela, sempre tive em conta que teria ao meu dispor um aparelho estabilizador de alta precisão que me permitiria filmar planos difíceis mas com uma qualidade extrema, mas a verdade é que infelizmente não

conseguimos pô-la a trabalhar e, novamente com a ajuda do diretor de fotografia, achamos por bem, nesta cena em especifica, utilizarmos a técnica campo/contra campo para conseguirmos, desta forma, ter a perspetiva da mãe e da filha sobre a discussão que se estava ali a passar.

Após filmarmos a cena da discussão do quarto, passamos para a cena do Jardim, em que a Joana entra para o quintal pelo portão, procura e chama pela mãe na sala e regressa novamente ao jardim, onde encontra a mãe juntamente com um homem vestido de branco, que a leva para a mala da carrinha. Esta cena foi também particularmente difícil, tanto a nível técnico, como a nível de um problema estrutural do qual tive conhecimento poucas horas antes das gravações do último dia. Inicialmente, tinha duas para interpretar os dois seguranças que levavam a Joana para a mala do carro. No entanto, um dos atores teve um imprevisto e avisou-me atempadamente do sucedido, tendo ficado decidido que eu próprio iria fazer de segundo segurança. No entanto, poucas horas antes de começarmos as filmagens, o outro ator avisa-me que não pode atuar no filme devido a um recurso na faculdade. Visto que não consegui encontrar ninguém para o substituir, tive de ser apenas eu a fazer de segurança. Este plano foi novamente com o recurso da gimble, e a ideia seria mesmo acompanhar o percurso do segurança, ou seja, eu, a arrastar a Joana pelo quintal fora rumo ao veículo, que se encontrava fora do mesmo. O problema foi o facto de o céu ficar demasiado iluminado, visto que a primeira parte da cena seria no quintal, sim, mas numa parte do mesmo que se encontra coberta e, conseqüentemente, mais escura. Confrontados com a falta de tempo e a falta de sol, que cada vez mais desaparecia, optei por fazer um plano mais simples e fazer um corte abrupto nos gritos dela, que cominou numa ponte para a cena seguinte e última da curta-metragem.

Após realizarmos esta cena, passamos para a cena do carro, novamente uma discussão. Visto que a câmara ia no meio atrás e na frente ia a Carla e a Joana, o resto dos lugares vagos tiveram de ir para o diretor de fotografia, que ia a supervisionar o plano, e para a diretora de som que ia naturalmente a gravar o som delas a falarem e do próprio carro. Com o carro ainda parado, discuti com o diretor de fotografia o plano e encontramos o que queria realmente para aquela cena. Após fazermos um take menos conseguido devido à câmara se movimentar muito, fizemos um segundo take que ficou como tinha sido idealizado anteriormente. Enquanto o segundo take estava a ser feito, decidi então, após muito ponderar olhando para o guião e falando com o meu anotador, retirar do enredo as outras duas cenas que ainda teriam de ser filmadas. Percebi nesse momento que, para além de ter falta de tempo para realizá-las, estas não iriam acrescentar grande

coisa à história, e que, portanto, a história até iria fazer mais sentido sem essas cenas.

Faltando aproximadamente 30 minutos para o sol se pôr, dirigimo-nos rapidamente para o monte de Santa Catarina, onde filmamos vários planos da Joana a caminhar pelo monte em câmara lenta. Quando acabamos de filmar, fomos todos jantar à churrasqueira inglesa em Vila Nova de Famalicão e foi assim o final de uma produção trabalhosa e desafiadora, pois não é fácil para ninguém trabalhar desta forma quando está a decorrer uma pandemia que afeta milhões de pessoas no mundo inteiro.

Pós-produção

De início, após cada dia de filmagens, visualizei todos os ficheiros que realizamos ao longo dos três dias de gravação. Ao longo desta ação, tive a infelicidade de reparar que alguns dos vídeos realizados no dia 13 deram erro, ou seja, parte do vídeo corria normalmente, mas, de repente, ele parava, com o som a dar erro também. Apesar de terem sido poucos vídeos a darem erro, a verdade é que fizeram a diferença em algumas partes do filme. Por exemplo, na cena do quarto à noite, onde o Nuno liga uma pequena luz para chamar à atenção da Joana, era suposto haver um foco dela para ele, mas não consegui por causa do erro. Felizmente conseguimos fazer quatro takes dessa cena, e apenas dois deram erro. Contudo, apenas no último take é que conseguimos fazer o foco para o Nuno de forma suave e eficaz, pelo que não consegui colocá-lo no filme.

Após alguma pesquisa e com a ajuda dos diretores de fotografia, chegamos à conclusão que pode ter sido uma falha do cartão de memória, e decidimos ser melhor utilizar outro cartão de memória nos dois dias seguintes de gravação, sendo que nenhum erro aconteceu desde então. De qualquer das formas, ao longo da produção colocava em cada plano que fazia a cena toda sem interrupções, pois ocorrer, como aconteceu, um problema qualquer, e assim tínhamos uma solução.

De seguida, passei para as gravações de áudio, e encontrei outro problema com o qual não estava a contar. Visto que já tinha visto as gravações todas, e os respetivos áudios, reparei que o som gravado pelo microfone SHOTGUN estava extremamente baixo, tão baixo que tinha de colocar as colunas do computador no máximo de volume para ouvir umas pequenas coisas. Achei bastante estranho, pois já tínhamos trabalhado algumas vezes com o mesmo gravador e tinha corrido tudo às mil maravilhas.

Contactei os meus colegas de turma, a Ana e o Hernâni, que me ajudaram na produção como diretora de som e diretor de fotografia respetivamente, e eles também acharam muito estranho, pois ouviram o som os dois na cena do carro e ouvia-se claramente o que as personagens diziam, algo que não acontece na própria gravação no computador. Entretanto, na esperança de conseguir resolver o problema do áudio, decidi importá-lo para o *Adobe premiere*, o programa de edição que utilizei para editar a curta-metragem, juntamente com as filmagens. De seguida, tentei aumentar os ganhos do som, e foi aí que consegui remediar o

problema, pois aumentando os ganhos aumenta também o ruído à volta da ação, o que diminuí a qualidade de som e, conseqüentemente, a qualidade do filme.

Pelo meio do processo da pós-produção, fui ajudar nas gravações do projeto de mestrado da Ana, desempenhando o papel de diretor de som. Visto que o material era também da faculdade, utilizamos o mesmo gravador de som que tinha problemas, algo que serviu realmente para tirar a prova dos nove. Após o primeiro dia de gravações do filme da Ana, aconteceu exatamente o mesmo que nas produções do *Insanis*, ou seja, o som estava extremamente baixo. Até hoje não sabemos o que é que realmente aconteceu, talvez tenha sido mesmo um problema do próprio gravador, mas o que sabemos é que foi um imprevisto que, naturalmente, prejudicou o projeto e a forma como o preparamos.

Ao longo das gravações houve coisas aos quais não dei grande importância, por vezes por falta de tempo, outras vezes por falta de experiência. Uma dessas coisas tem haver com o facto de alguns dos planos da curta estarem digamos com *over exposure*. Assumo realmente que foi algo que não deveria ter falhado, pois é essencial ter um filme equilibrado a todos os níveis, dependendo também do que o artista quer.

Quando falo em falta de tempo, digo-o porque, por coincidência ou não, em todos os planos que ficaram com *over exposure*, todos foram feitos em momentos onde estávamos com muito pouco tempo para os analisar da forma como eles mereciam. No entanto, falo também de pouca experiência na área de ficção, pois poderia ter organizado melhor o horário e não me tinha talvez deixado levar tanto pelos horários de cada um, porque isso claramente afetou o filme, e é essencial ter tempo e espaço para realizar o mesmo, para sair tudo bem feito.

Apesar de ter tido já um guião escrito e idealizado antes das gravações, a verdade é que, ao longo da pós-produção, houve muita coisa que mudou, muitas vezes devido a problemas técnicos que ocorreram, outras simplesmente por causa do próprio processo criativo que puxou para outro caminho em vez de aquele que tinha pensado antes.

A etapa da pós-produção sempre foi, ao longo da minha experiência no cinema e no mundo audiovisual, a que me deu mais gozo juntamente com a da produção, pois podemos pôr em prática as ideias que anteriormente tinham florescido nas nossas mentes enquanto artistas, podendo assim explorar novos caminhos que outrora não tinham sido pensados.

Muitas vezes ao acaso, encontrei formas de passar a mensagem que procurava que nem sequer tinha idealizado antes, e tudo isto veio também mostrar-me que todas as etapas do filme, nomeadamente a pré-produção a produção e a pós-produção, estão sujeitas a mudanças, e mesmo que haja um argumento final e que seja esse mesmo utilizado ao longo do filme, penso que o mesmo não passa de uma espécie de guia para o que o realizador procura, pois é na parte da edição que toda a magia acontece, é onde vemos o filme realizado pelo artista a ganhar vida própria.

Teoria dos planos cinematográficos

No cinema nem sempre passamos a mensagem que procuramos passar de forma verbal. Aliás, o que torna o cinema tão especial é mesmo a sua linguagem cinematográfica, ou seja, o plano que se encontra na tela, o ângulo do mesmo, a paleta de cores utilizada, o som utilizado, entre muitos outros fatores. No filme *Insanis*, existem vários simbolismos que procurei introduzir no filme para, de certa forma, passar várias mensagens ao espectador em relação ao assunto que está a ser tratado no filme.

Ao longo do filme, procurei que a cor amarela predominasse no mesmo, e consegui ao evidenciá-la nas paredes da casa, na iluminação do quarto, até mesmo no próprio título do filme. Esta ideia surgiu-me ao longo de uma pequena pesquisa em relação às cores e os seus significados. Após verificar todas as cores com significados incutidos nas mesmas, segundo Wassily Kandinsky, verifiquei que o amarelo é a cor da loucura e do delírio, que cria uma explosão emocional. É uma cor que possui uma forte intensidade e que atormenta o homem, neste caso personificado na jovem rapariga de 17 anos, Joana. Apesar de não ter sido uma inspiração direta para este filme em específico, existe um realizador que me cativa bastante dentro deste tema profundo da paleta de cores, de seu nome Wes Anderson. Ao ver os filmes deste realizador, fico inspirado, e ao mesmo tempo esperançoso, em conseguir realizar filmes com uma paleta de cores tão rica e, ao mesmo tempo, com um significado tão grande. Ao utilizar o amarelo no filme, mais especificamente na casa da Joana, procuro passar a ideia de que há ali uma energia relativa à doença da jovem que cada vez mais sobe de tom, pois ela cada vez mais fala com o Nuno.

Outro simbolismo criado ao longo do filme está alojado na cena do quarto à noite, onde Nuno aparece no quintal da casa para falar com a Joana. Nesta cena, é quebrada a regra dos 180º visto que, na cena anterior, a Joana está sentada na janela do quarto de tarde, mas numa posição diferente, aproximadamente 180º de diferença. Geralmente, esta regra quando é quebrada não é muito bem vista no mundo cinéfilo, e, portanto, é sempre um risco usá-lo como recurso, mesmo sendo com vista para um simbolismo. Contudo, esta técnica pareceu-me ser bastante interessante, pois estamos a falar de um tema de carácter mental da personagem, e a própria ação é um desvio da normalidade a que estamos habituados a assistir diariamente, nomeadamente a ação de alguém falar com um amigo imaginário. Esta ideia surgiu em conversa com um dos meus diretores de fotografia, onde ele

me indicou um filme onde isso aconteceu e como poderíamos reproduzir essa técnica. De imediato disse-lhe que gostei bastante da ideia, e ambos trabalhamos para integrá-la no filme.

Na escola, a Joana sentia-se como se estivesse presa a algo, não se sentia livre como quando estava no meio da natureza por exemplo, e isso é notório nas cenas que se passam lá dentro e na linguagem corporal que ela passa para o espectador. Na cena em que ela vai até à entrada da escola e depois sai rumo ao banco de jardim no parque, ela avista dois rapazes do grupo que a atormenta. No plano, aparece ela e os dois rapazes a formarem um triângulo visual, com as grades da escola a separá-los. Existe nesta cena uma simbologia enorme, pois as grades estão a simular a prisão que a escola é para ela, e o facto de a vermos ir embora daquela mesma prisão muda a história por completo e faz com que a personagem abra um novo caminho para ela, caminho esse que a irá levar, de certa forma, a uma loucura diferente da qual sofria na escola pelos colegas.

Entretanto, relacionado com a cena anterior estão os planos na natureza que vão surgindo ao longo do filme. Essas imagens transmitem a paz e a libertação que a Joana sente naquele momento, e são partes do sonho que Joana tem perto do final do filme, que começa bem, mas que acaba de uma forma trágica.

Conclusão

Ao longo deste projeto, foram várias as aprendizagens que tive a oportunidade de obter, tanto a nível académico e de pesquisa, onde aprofundei o tema da doença mental a zonas que não estava à espera alcançar, como a nível de realização cinematográfica, onde tive de enfrentar e de lidar com questões inesperadas e sem solução à vista, o que me tornou mais capaz para uma realização futura.

Uma das coisas mais importantes que aprendi neste projeto de mestrado foi perceber que nada é impossível de resolver, há que realmente manter a calma e pensar de cabeça limpa numa solução para a questão em mãos. Ao longo do ano, desde a pré-produção até à pós-produção, fui confrontado em várias situações que me obrigaram a pensar, e principalmente, a agir em conformidade com o momento que se passava na altura, pois se não o fizesse nada se iria resolver.

Outra situação com a qual fui confrontado foi a incompatibilidade de horários dos vários membros da produção, incluindo eu mesmo. A verdade, é que vivemos tempos difíceis, tempos em que vários realizadores profissionais no ramo decidiram adiar as produções pela falta de segurança e de meios, e o facto de termos conseguido todos juntos (membros da produção) realizar uma curta-metragem com menos meios que os próprios já é um grande feito. Contudo, houve certos erros que poderiam ser evitados, nomeadamente a tal incompatibilidade de horários. Enquanto realizador e produtor, deveria ter realmente organizado melhor o horário das filmagens, pois pela minha falta de experiência e talvez alguma inocência, não foram contabilizados os erros de take nem os atrasos na estruturação do horário de trabalho, e isso dificultou e muito a forma como trabalhamos. Também poderia ter combinado melhor os horários com os atores, houve várias coisas que ficaram por dizer quando escolhíamos o melhor horário para todos, e, portanto, esse foi outro fator que poderia ter sido melhorado. No entanto, é com os erros que aprendemos, e posso dizer com certeza que, num próximo filme, este ponto terá uma maior atenção da minha parte.

Do ponto de vista mais técnico, posso afirmar que, de certa forma, aproximei-me do que será um dia o meu estilo cinematográfico, ou seja, no meio de tantas técnicas de cinema utilizadas neste filme, houve algumas que me apaixonaram um pouco mais que as outras, e isso demonstrou-me que ainda tenho muito caminho para andar até ser alguém dentro desta área tão vasta, algo que me deixa com os pés mais

assentes na terra, mas ao mesmo tempo entusiasmado com o futuro que está para vir.

Em suma, só me resta agradecer às várias pessoas que fizeram este projeto possível. Volto a referir, não era fácil para ninguém realizar um filme no meio desta pandemia, ainda para mais um primeiro filme de ficção, e portanto, tudo isto só seria possível com a ajuda de toda a gente que participou e me ajudou, nomeadamente a equipa técnica, os atores, a minha família, que esteve sempre lá para me ajudar em tudo o que precisava, e ao meu orientador e coorientador, que me ajudaram a levar este projeto a bom porto. Foi uma experiência excelente e uma aprendizagem bastante importante para o meu futuro.

Bibliografia

- Ana Querido, C. T. (2016). *O Estigma face à doença mental nos estudantes de saúde*. Porto.
- Assis, J. C. (2013). *Entre a razão e a ilusão*. Artmed Editora.
- Bert, R. (7 de Agosto de 2015). *Rogere Bert*. Obtido de <https://www.rogerebert.com/reviews/the-diary-of-a-teenage-girl-2015>
- Carvalho, M. X. (s.d.). Internamento compulsivo em Portugal – Contexto e Procedimentos. Portugal.
- F. Walter, I. (1990). *Vincent Van Gogh*. Taschen.
- Ferrari, S. (2001). *Guia de História da Arte Contemporânea*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ferraz, M. (1998). *Arte e loucura*. São Paulo: Lemos Editora.
- Foucault, M. (2008). *Doença mental e psicologia*. Lisboa: textografia.
- Foucault, M. (s.d.). *História da Loucura na Idade Clássica*.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e Punir*. Edições 70.
- Frayze-Pereira, J. (s.d.). *O que é a loucura*. Editora Brasileira.
- Gomes, M. F., Martins, M. M., & Amendoeira, J. (2011). *As famílias com Doentes Mentais*. Porto.
- Marcello, C. (s.d.). *Cultura Genial*. Obtido de Cultura Genial.
- Monteiro, A. A. (2004). *Associativismo e novos laços sociais*. Coimbra: Quarteto.
- Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas - Esquizofrenia. (2013). Paulo Dornelles Picon, Maria Inez Pordeus Gadelha e Rodrigo Fernandes Alexandre.
- The Diary of a Teenage Girl review – entertaining, insightful and ferociously confident. (2015). *The Guardian*.
- Oliveira, A., e Azevedo, S. (2014). Estigma na doença mental: Estudo observacional. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*.
- Sousa, S., Marques, A., Rosário, C., e Queirós, C. (2012). Stigmatizing attitudes in relatives of people with schizophrenia: A study using the Attribution Questionnaire AQ-27. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 86-197.
- Marques, A., Barbosa, T., e Queirós, C. (2010). *O Estigma na Doença Mental Perspetivado por Futuros Profissionais de Saúde Mental*.
- Freitas, M. (2012). *Vários olhares sobre o doente mental*. Dissertação de Mestrado, Instituto Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto,

Anexo A)

Argumento

1. EXT. FLORESTA - DIA

JOANA caminha pela floresta e dança com os braços.

2. INT. QUARTO - DIA

O despertador toca. Joana afasta o cobertor e levanta-se da cama. Tira a roupa do armário e atira-a para cima da cama.

3. INT. COZINHA - DIA

Joana entra na cozinha, vai buscar a sua caixa de medicamentos ao armário e o seu iogurte líquido ao frigorífico e senta-se mesa. CARLA tira o copo e a garrafa de vinho de cima da mesa e põe-nos na banca atrás de si.

CARLA

Bom dia.

JOANA

Bom dia.

CARLA

Então dormiste bem?

Joana encolhe os ombros enquanto toma o medicamento com o iogurte líquido.

Carla olha para ela de forma desconfiada.

O silêncio mantém-se até ao final da refeição.

4. EXT. PASSEIO - DIA

Joana caminha no passeio.

5. EXT. ENTRADA DA ESCOLA - DIA

Ao chegar à entrada da escola, Joana vê dois rapazes a rirem-se dela.

RAPAZ 1

Então maluca ... Já tomaste
os comprimidos para ficares normal?
Vai lá...

Joana entra na escola rapidamente.

6. INT. CANTINA - DIA

Joana está sentada numa mesa sozinha com o seu tabuleiro à frente e coloca água no copo para tomar o comprimido, sendo que no momento em que vai tomar, ela vê o Rapaz 1 e o Rapaz 2 juntamente com um grupo a rirem-se dela.

7. EXT. FLORESTA - DIA

Joana caminha na floresta.

8. INT. COZINHA - DIA

Joana e Carla estão sentadas em silêncio. Carla sente-se constrangida.

CARLA

Está tudo bem Joana?
o que é que se passa?

Joana age como se Carla não tivesse dito nada.

Carla olha para Joana à espera de uma resposta, mas não a recebe. Estranha ao ver que Joana não tem a caixa de medicamentos à sua frente e vai buscá-la à sua direita. Carla senta-se novamente à mesa.

CARLA

Eu estou a tentar ser uma boa
mãe Joana, mas se tu não falas
é difícil, ok? Toma.

Carla coloca a carteira de medicamentos à frente da Joana. Joana toma o medicamento.

9. EXT. ENTRADA DA ESCOLA - DIA

Ao chegar à entrada da escola, Joana vê os dois rapazes que gozaram com ela a falarem um com o outro.

De seguida, Joana caminha para fora da escola.

10. EXT. BANCO DO PARQUE - DIA

Joana está sentada no banco de madeira do parque da cidade com os fones nos ouvidos a ouvir a música "Shine on you crazy Diamond" da banda Pink Floyd. De repente, alguém se senta ao seu lado.

NUNO
You cried for the moon.

Joana tira os fones e olha para Nuno surpreendida.

JOANA
Desculpa?

NUNO
A música, é dedicada ao Syd.

JOANA
Ah sim, é das minhas músicas favoritas..., mas como é que sabias que estava a ouvir isso?

NUNO
Não sei ... acho que foi um pressentimento.

Nuno estica a mão a Joana para lhe dar um aperto de mão.

NUNO
Sou o Nuno, muito prazer!!

Joana estica a mão e cumprimenta Nuno.

JOANA
Joana.

11. EXT. RUA - FINAL DA TARDE
Joana caminha para casa.

12. INT. QUARTO - FINAL DA TARDE
Joana está sentada à janela do seu quarto.

13. INT. QUARTO - NOITE
Joana está sentada junto à janela do seu quarto noutra posição. De seguida, repara numa luz no jardim. Espreita um pouco e vê Nuno.

JOANA

Nuno? Como é que sabes onde eu moro?

NUNO

Todos nós sabemos onde é que tu moras.

JOANA

Só podes estar a gozar comigo...

NUNO

Não me apetece ficar sozinho.

JOANA

Agora estou ocupada, não posso...

Sem Joana dar conta, Nuno aparece deitado na cama dela.

NUNO

Ok, eu fico aqui então!

Joana assusta-se atirando-se para trás.

JOANA

Como é que fizeste isso?

NUNO

Tu sabes bem como é que fiz isto.

Nuno aponta com o dedo à sua cabeça. Após esta ação de Nuno, Joana mostra-se mais calma respirando fundo.

14. INT. QUARTO - DIA

Joana abre a porta do quarto.

15. INT. CASA - DIA

Joana desce as escadas e depara-se com a mãe a dormir no sofá com uma garrafa de vinho na mão. De seguida, Joana vai à cozinha e abre o frigorífico tirando de lá um iogurte líquido, e sai de casa sem a mãe dar conta.

16. EXT. BANCO DO PARQUE - DIA

Joana e Nuno estão sentados um ao lado do outro no banco de madeira quando chega um homem vestido com uma farda azul escura por detrás deles.

EMPREGADO DA ESCOLA

Joana, o que é que estás aqui a fazer?
Já devias estar na aula, o professor
está à tua espera.

Joana não responde e ri-se

EMPREGADO DA ESCOLA

Ok, se é isso que queres, anda comigo,
eu levo-te à sala. Anda-te embora.

O empregado da escola aproxima-se da Joana e levanta-a do banco onde ela está sentada, arrastando-a enquanto ela dá luta para não ser levada.

17. INT. CARRO - DIA

Joana e Carla vão no carro a discutir. Carla está a fumar.

CARLA

Suspensa por faltar ao respeito
a um funcionário ... eu ainda não
acredito que fizeste esta merda.

JOANA

A sério, não acredito que depois disto
tudo ainda tenho de levar contigo.

CARLA

Tu tens de aprender boas maneiras,
e vais aprendê-las, a bem ou a mal.

Carla pára o carro à beira de casa.

JOANA

(Tom irónico)
Ahahahah, Não me digas que me vais
bater.

Carla olha Joana nos olhos durante alguns segundos.

CARLA

Testa-me e vais ver.

Joana sai do carro e bate a porta com força.

18. INT. QUARTO - DIA

Joana atira-se para cima da cama. De seguida, ela repara em Nuno sentado na sua secretária e começa uma discussão.

JOANA

O quê? Como é que tens a lata de
aparecer depois de não teres feito
nada?

NUNO

Tu sabes bem que eu não podia fazer
nada.

JOANA

Podias sim, se não fosses tu eu não estaria metida nisto.

NUNO

A mim pareceu-me que estava no papo. Eu vi a cara dele e pareceu-me bem assustado.

Os dois riem-se.

19. INT. CORREDOR DA CASA/QUARTO - DIA

Carla passa pela porta entreaberta do quarto de Joana e ouve a sua filha a rir-se e a falar. Então, entra sem fazer barulho e é quando vê a filha a falar sozinha.

JOANA

O que é que pensas que estás a fazer? Não podes entrar assim no meu quarto.

CARLA

Tu tens tomado os medicamentos?

JOANA

A sério, mãe não me venhas chatear com isso.

CARLA

Eu acabei de te ver a falar sozinha, diz-me se isto não é suspeito?

JOANA

Eu não sou maluca, claro que não falo sozinha.

CARLA

Eu conheço-te bem Joana, sei bem quando não estás no teu estado normal. Tens de aceitar o teu estado de saúde. Não te podes armar em menina mimada, tens de ser madura e responsável.

JOANA

(A gritar)

AHHHHHHH sai daqui, sai daqui, sai daqui
JÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁ.

20. INT. QUARTO - DIA

Após a discussão com a mãe, Joana atira-se para cima da cama e adormece.

21. EXT. FLORESTA - DIA

Joana caminha pelo meio das árvores, passando a mão pelas plantas enquanto caminha.

22. EXT. ENTRADA DA CASA - DIA

Joana entra pelo portão e caminha do jardim até à porta de casa.

23. INT./EXT. SALA/JARDIM - DIA

Joana entra na sala e não encontra ninguém.

JOANA

Mãe? Mãe?

Joana volta ao jardim e vê Carla juntamente com um homem vestido de branco.

JOANA

Mãe, o que se passa aqui? Quem é este homem?

CARLA

Joana, não me deste outra alternativa.

O homem de farda branca vai em direção a Joana e arrasta-a pelo jardim fora enquanto ela luta com todas as suas forças. De seguida, ele fecha-a na mala de um forçã

24. INT. MALA DO FORÇÃO - DIA

Joana está na mala do forçã cheia de medo quando olha para a frente e repara em Nuno. Assim que o vê ela sorri e dá-lhe a mão.

FIM

Anexo B)

Teste para cartaz

